

NUMERO 183

28—MARÇO—1925

P830

ANNO V



5<sup>00</sup>  
RS

OL PILLERIO



## O MUNDO É UM THEATRO

em que cada um de nós tem o seu papel; este o de principe, aquelle o de mendigo; a um sorri a gloria, a outro não cabe sinão o esquecimento.

Uma coisa apenas a todos nivela, os soberbos aos humildes, os bons aos perversos: é a dor physica.

Desde que se levanta o panno para a primeira scena da tragi-comedia humana, a dor desempenha o seu implacavel papel de verdugo.

Por isso é que foi para a humanidade um facto de transcendenten importancia a descoberta da

### CAFIASPIRINA

o maravilhoso analgesico que allivia como por encanto as dores de cabeça, garganta e ouvidos, as nevralgias, os resfriados, o malestar produzido por excessos alcoólicos e que, além do mais levanta as forças e nunca affecta o coração.

Vende-se em tubos de vinte comprimidos e em "Enveloppes Cafiaspirina" de uma doze.

Licenciado p la Directoria Geral da  
Saude Pula licencia pel No. 203 de  
7-10-1916.



# Conto semanal — O grande perdão

— Meu maior amor, minha maior paixão, começou ella, a diva, não o procurem nos palcos iluminados, nos camarins cheios de flores, no meio dos cavalheiros elegantes e cortejadores nem nos luxos que me acompanham. Busquem-no num amanhecer, quando eu tinha dezoito annos, numa pequena e tenebrosa prisão, perto de Udine, num logarejo de que meu pae era o administrador.

Numa aldeia proxima, havia pouco tempo, tinha havido um crime horrendo. Um homem de cerca de quarenta annos, querido de todos os seus patricios, fôra assassinado em plena rua por um rapaz de vinte e tres, que roubara o dinheirô e os objectos de valor que levava consigo.

Preso no dia seguinte, o assassino confessára o crime.

Chamava-se Lourenço Damiani, tinha tres irmãos mais velhos e mãe, senhora ainda bem moça e muito bonita. Era orphão de pae, havia muitos annos. A sua familia tinha precentes honestos.

Durante o correr do processo, Lourenço, conforme disse, confessára o crime francamente, quasi com cynismo, sem procurar a menor attenuante. Sua physionomia não era a dum assassino vulgar. Em vão o tribunal indagára dos moveis do crime. Não havia mesmo necessidade disso perante as declarações do accusado, que parecia procurar aumentar, em vez de diminuir, a sua culpabilidade...

Os juizes interpretaram-lhe o silêncio como um desafio e a pena de morte foi decretada contra aquella cabeça desvairada pela loucura.

A muito custo, Lourenço assignou um recurso de perdão, vencido mais pelas lagrimas maternas do que por qualquer outra coisa.

Eu o tinha visto durante o julgamento e logo adivinhei que naquele coração hereticamente fechado havia um mysterio. Agitava-me a idéa de vêr aquelle moço destinado ao cadasfalso e obsecava-me o pensamento de qualquer coisa angustiosa e estranha.

No entanto, elle matára, roubára!

Elle, fôra elle mesmo e não outro quem commettera aquelle duplo crime!

\* \* \*

Na noite que precedia a execução, ouvi meu pae dizer que o recurso de graça fôra recusado. Nunca vira de perto aquelle rapaz e elle não me conhecia. Entretanto, sentia-me tão attrahida para elle que duvidava de mim, do meu senso moral, pois que se manchára de sangue humano e nada podia justificar em mim um sentimento para elle que não fosse de opprobio e de execração. Por que, então...

Todavia no dia seguinte ia morrer e eu queria vê-lo, falar-lhe... Perguntei a meu pae si poderia fazê-lo e m'o prohibio...

Nas noites que precedem as execuções, os carcereiros costumam ser indulgentes para os condenados, satisfazendo-lhes os desejos extremos. Lourenço tivera naquelle noite a companhia de dois guardas, que lhe deram bom vinho a beber e optimos charutos.

A prohibição de meu pae intensificára meu terrível tormento. Resolvida a fazer o que pretendia, levantei-me de madrugada e fui até a celula do condenado. Infelizmente, habitavamos o mesmo edifício. Os dois guardas, ao vêrem-me, empallideceram, mas, deante de minhas supplicas, não oppuseram resistencia.

Agora não me lembro com muita exactidão o que ocorreu. Sei que nos deixaram sózinhos e me encontrei deante dele, que era bello, delicado e apaixonado... Sei que não falei, que me não movi e que o escutei em silêncio. Quigá foi o desejo da vida que delle se apoderou à minha vista, quigá sua alma se abysmou num delírio... Elle não me perguntou sequer quem eu era. Soube que me falava a mim, ou a uma visão?

Sim! Elle matára aquelle homem, mas não para roubal-o. Atirára ao rio relogio, carteira e dinheirô. Ma-

tára-o, porque aquelle homem se enamorara de sua mãe, a fizera cahir numa paixão peccadora, deshonrosa, que arruinara sua família. Tyrannizava-a por malvado prazer e insultava-a para divertir-se. Afim de salvar sua mãe, matára o seu miserável amante... Para que dizê-lo? Para que expôr sua mãe ao ludibrio de toda a gente? Seu sacrifício devia ir até o fim. E durante o processo guardou silêncio.

A honra de sua mãe valia bem a sua vida e deixou-se condemnar à morte...

Mas agora, por que me disséra tudo. Porque, chorando, pedia perdão?

— Virá? perguntava. Virá e perdão?

Recordo que somente então resolvi do meu mutismo. Com o coração cheio de lagrimas, atirei-me para aquelle moço e, ardente, o beijei na fronte, nas faces e nos labios, sussurrando-lhe:

— Virá! Virá... Velo esta noite. Amanhã lh'o comunicarão!!!!

Elle pareceu transformar-se... Estendeu-se no exergão da tarimba, esmagado pela alegria que causára a minha horrivel mentira. Estava exhausto de cansaço e de dor. Adormeceu...

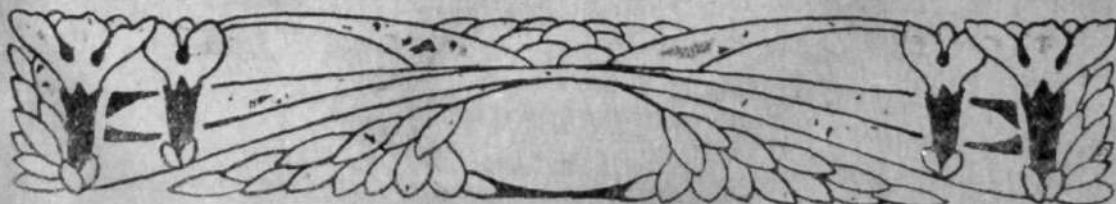
Então, sahi. Parecia-me que a morte passelava para cima e para baixo, no corredor, consultando o relogio a cada minuto. E eu entendi de roubar-lhe aquella vida moça, aquella vida nobre...

Uma idéa lançou-me o cerebro. Tomei o fogareiro que jazia meio apagado ao pé duma janella e servia de calorifero aos guardas, metti-lhe bastante carvão e o levei à celula do condenado. Fechei-a toda bem fechada e fugi...

\* \* \*

Assim, Lourenço que adormecera alegre, certo do perdão, não despertou mais.

JOÃO CENZATO.



# Fabrica Favorita

---

## Bombons e Caraméllos

J. FRAGOSO & C.ª

Praça do Mercado 123, 127 e 131 -- Recife



Contra factos não  
ha argumentos!

## O “Café Guanabara”

é o único que V. Exc. deve usar  
na sua residência.

Teixeira Miranda & C.<sup>a</sup>

## Rua Direita

## Cousas do Sertão

Era rarissimo nas priscas éras dos sertões do Ceará pronunciar alguém a palavra "diabo".

Esse máo vezo constitua grande peccado; dizia-se que o diabo tinha no infrno uma relação nominal dos peccadores, que declinavam seu terrível nome e, pelo numero de vezes que o proferiam, iam-se calculando os tremendos e merecidos castigos entre os quaes o de um etreno banho de immersão em chumbo derretido, nas horríveis caldeiras de Pedro Botelho.

Por isso substituam ardilosamente o execrado nome pelos de Diango, Satanaz, Dialho, Tinhoso, Cão, Maldito, Sujo, Caipirôto. Não sei que diga, Demonho, Malino, Capetá-etc., etc.

Mas não ha regra sem excepção. Vejam só:

Habitava em sua fazenda de gado, denominada "Bôa Sorte," nos sertões de Quixeramobim (Ceará), uma familia conhecida pela alcunha de "endilabrada", devido ao condenável habito de chamar pelo dia-vo, a todo proposito e até mesmo fóra de proposito.

Por exemplo: o chefe da familia, conhecido por João Diabo, ao procurar de uma feita, o cachimbo, bradou colérico: — onde está o dia-vo, para todos bonitas e com-

modas rôdes bordadas e avaranda-das.

Um tanto somnolentos não podiam conciliar o sonno por causa da al-vo do meu cachimbo, que já tenho procurado "cuma" o diabo e nada do diabo "apparece"?

Respondeu um dos filhos:

— Também o diabo do cachimbo de meu pae não tem o diabo de um canto... "Cuma se é de incontrá ese diabo?"

Um belo dia chegou do campo outro filho. Ao apear-se, perguntou-lhe João Diabo:

— Cadê o diabo do boi Surubim, que foi pegá pru mode se fazê" o diabo da "matutage"? "Butou" no matto o diabo?

— Ora meu pae... O diabo do boi metteu-se no diabo de um intrin-cado de unha de gato, mufumbo e xique-xique, que era mesmo o dia-bo; tinha "tombado" e "pidrigulo-cuma" todos os diabos; mesmo assim eu venci todas essas "difficul-tades; mas porém" o diabo do cavallo cançou, que no "lascava" mais nada: "qué qu'eu era de fa-zê, cum" todos os diabos?

Esta foi a melhor:

De uma feita, ao fazer penosa desobriga, tempo de secca, foram o revmo. padre Benicio e sua comi-tiva arranchar em casa de João Diabo.

Muitz bem recebidos, acommoda-ram-se no copiá, onde foram ar-

gazarra da hospitaleira familia, na azafama e temas no interior da casa, ao preparar atrapalhadamente bôa e abundante refeição para os hospedes de cerimônia. A pa-la-vra por todos assás repetidas em alta voz era — diabo.

O padre dominava com evangeli-ca paciencia e resignação sua enor-me contrariedade, mas o diapasão, ao chamar diabo, aumentou de tal modo, que, dirigindo-se o reveren-do ao chefe da familia, disse-lhe delicadamente:

— Dê providencias para que não se chame tanto pelo maldito. Repa-re que a palavra mais repetida e que mais se ouve em sua casa é — diabo... Sou um sacerdote; não devo tolerar isto.

João Diabo achou que o padre ti-nha carradas de razão e disse-lhe:

— Espero um "instantinho" tenha mão seu Vigaro", que eu acabo já, com essa diabada todinha.

Voltando-se, então, para o interi-or da casa, vociferou:

— Que diabo de diabada é essa ahi dentro. "cum" todos seiscentos milhôes de diabos? Irra! E' diabo "pra" cá, diabo "pra" lá; já parece um inferno "cum" todos os diabos! Acabem já, já, com essa diabada ahi dentro, "canaia" do diabo! Já o diabo do "pade tá" damnado da vida, que parece o diabo...

Leal de Miranda

## DINHEIRO!

Quereis ter bom juro de vosso capital?  
Effectuæ vossas compras na



## A SYMPATHIA

O maior sortimento em sedas e linhos

Pura tricoline em padrões chics de 10\$000 a 7\$800  
Seda levável, japoneza legitima " 15\$000 " 11\$000  
Crepe de seda (espuma alta moda) " 30\$000 " 24\$000  
Linhos em cores. . . . . " 12\$000 " 9\$800

Meias de seda dos melhores preços.

Uma visita na **A Sympathia** em seu novo predio

**Rua do Livramento, 80**

**O Sabonete "RIALTO"**  
é o preferido por todas as pessoas  
de bom gosto

De aroma delicadíssimo e cuidadosa  
confecção, o seu uso  
refresca e embelleza a pelle

*Vende-se em toda parte*

---

**O SABONETE  
ZANTUBIA**

---

rivalisa com os mais finos sabonetes estrangeiros  
Uzal-o uma vez, é preferil-o sempre

---

Tintas para tingir em casa  
**SUMIOR**

Tinge todos tecidos e em todas as cores  
É a ultima palavra em tintas para tingir  
**Exijam sempre a marca "Sumior"**

**VENDE-SE EM TODA PARTE**

Únicos Agentes: **Martins Pires & Cia.**

---

Rua do Livramento N. 110 - 1º andar

## Protegendo os animaes

Da "Associação Pernambucana de Escoteiros" recebemos em data de 25 do corrente o seguinte ofício.

"Ilmo. sr. director d'A Pilheria".

Tenho a honra de levar ao vosso conhecimento, que o exmo. sr. Prefeito da capital acaba de confiar a esta Associação n. 141, o serviço de "Protecção aos Animais em Pernambuco e em todo interior do Estado", serviço este garantido pela lei sancionada n. 1456.

Tem, pois, o município da capital uma lei de protecção aos animais. Exultam comosco não só aqueles que se impuseram à missão de zelar pelos que são por natureza, mudos e indefensíveis, como quantos se orgulham do bom nome da metrópole Pernambucana, dentro da União e fóra do paiz. Porque queiram ou não os espíritos de horizontes limitados, a protecção dos animais sobre ser um movimento de justiça para com os viventes que se tornaram dignos de nosso apreço pela sua utilidade ou dedicação, ou mesmo pela encantadora fraqueza de sua natureza — que tal seriam certas variedades de passaros

Ave Maria



A' velhice branca de meu pa...

Ave-Maria! A tarde empalidece...  
O céo se tinge todo, num rubor...  
Preces sentidas sobem ao Senhor...  
A noite lenta e triste aos poucos desce...

E' a hora suave e calma em que parece  
Que vai na briza um canto de dor...  
Ha nos ares, nos céos, como um langor,  
Um suspiro platonico de prece...

Nesse instante, saudoso, de agonia,  
Arquejando em delírios, morre o Dia...  
A briza passa... o salso-argento ruge...

E a lua merencorea, lá no Oriente,  
Surge, saudosa, enquanto tristemente  
No silêncio da matta o gado muge...

MARIO ELIAS LEAL.



e aves em geral sobre ser um movimento de justiça, dizia, a protecção dos animais importa numa afirmação do verdadeiro progresso de Pernambuco. Nunca será demais repetir com o grande scientistista que foi Humboldt que a civilisação de um povo, avalia-se pelo modo por que elle trata os animais.

Grande parte desta victoria cabe ao exmo. sr. dr. Antonio de Góes digno Prefeito da capital, procuran-

do sempre elevar e attender aos assuntos de ordem publica que se relacionem com o nome de Pernambuco.

Contando sempre com o valioso apoio desse jornal, subscrevo-me com estima e sincera dedicação.

"Sempre-Alerta".

Carlos Hugo.  
Secretario do delegado".



## TRIAN

Pó de Arroz da Elite

A sua formula foi extrahida do livro "MINHAS MEMORIAS" de Cléo de Merode, a artista que dominou Paris pela rara belleza.

O "Trian" é um pó adherente impagável e de uma suavidade encantadora de perfume, o "Trian" amacia a cutis, dá-lhe colorido natural e muito vigor.

A Agua de Colonia "Trian" reputada a mais cara das aguas de Colonia nacionaes, porem superior as nacionaes e estrangeiras.

A agua de Colonia "Trian" como o Pó de Arroz "Trian" já se acham à venda nas melhores perfumarias e casas de moda de nossa praça.

Vão ser os productos preferidos pelas elegantes recifenses.

Agentes  
Depositarios — Araujo & Moreira — Rua Pedro Affonso  
N. 137 — RECIFE

Deseja V: S: ser bem servido  
na confecção sob medida  
de lindas camisas e pyja-  
mas dos mais modernos e  
finos padrões e tecidos?

Procure a :

*Camisaria Nacional*

Rua do Sol n.º 391

# CAPILLOTONICO

Nome Registrado

O Soberano Revigorador dos

**CABELLOS**

**Cura:** Calvicie, Pellada, Caspas, Queda do  
Cabello, etc.

**Vendas em toda parte.**

# Estudos Graphologicos

## FADA DOS BOSQUES.

Recebi sua carta, e no primeiro momento só pude fôr lastimar a sua aversão pela grammatica de nossa lingua. Apezar de ter a certeza ser esta letra a de um homem, que pretendeu ter espirito com aquellas tolices, sem conhecê-lo pessoalmente, vejo que tem muitas tendencias para o feminismo, como provam seus gestos e modos effeminaçôes, vistos atra vez a letra.

Se tivesse um pouquinho mais de educação ou de intelligencia, certamente que não botaria no fim de sua carta, o endereço de uma casa existente e habitada. Segue-se o seu perfil que vae apenas como prova de que conheci a letra.

Violento. Muito ambicioso. Muito desconfiado. Dissimulado, principalmente quanto ao intimo, por isso quasi todas as vezes que externa opiniões estas não são sinceras, devido à sua dissimulação. Muita habilida de para defender seus interesses e tambem para em querendo, enganar o proximo em negocio. Habilidade commercial, e execução rapida de combinações maduramente reflectidas.

Ao vosso olhar de monja, ao vosso olhar, assim tão meigo que me prende e encanta — olhos de deusa, olhos de alguma santa — fiz de meu coração, um sauto altar...

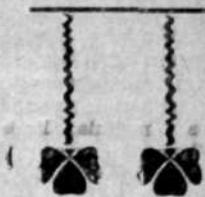
A estes olhos onde anda a brilhar toda a meiguice que o poeta canta em seus versos singelos, onde implanta toda a felicidade de cantar,

estas rimas, despidas de vaidade, filhas do grande amor e da amizade que em seu peito moram, divinas...

Dae ao poeta, tão pobre de riquesa! a esmola caridosa da belleza de vosso olhar... e elle não pede mais...

MARTINS VARELLA.

# Soneto



## Buena dicha

MANUEL  
DE LOUREIRO.



No dia em que eu nasci, (minha mãe é quem diz)  
Vieram todos, a rir: — Quero vê-lo tambem!  
Rezando, ao me fitar: — Deus te faça feliz...  
E minha mãe dizia, enterneclida, amen!

Depois, cresci. Cresci, emfim, homem me fiz,  
E — Argonauta do Sonho — a Aurea Jerusalém,  
Um dia eu fui buscar: eu sonhara um paiz  
Onde morasse o Amor, e onde imperasse o Bem.

E parti. Caminhei... Quando o primeiro espinho  
Sangrou-me os pés, eu quis voltar, mas, o caminho  
Que me ficara atraç, havia-se fechado...

No entretanto, ao nascer, todo mundo dizia:  
— Deus te faça feliz!

Mas, suprema ironia!  
Não tenho sido mais que um grande desgraçado...

# Ramington



# Portatil

Um verdadeiro triumpho no genero este novo membro da familia Remington. In dispensavel a todas as pessoas, seja qual for a sua profissão.

Ella é compacta, cabendo num estojo de apenas 10 centimetros de altura.

E' commoda, porque pode ser usada em qualquer parte, mesmo sem meza.

E' completa, porque é dotada de teclado identico ao das machinas grandes, com 42 teclas.

Estamos ás ordens para fornecer-lhes esclarecimentos mais necessarios.

# CASA PRATT

Rua do Ouvidor n.º 125  
Rio de Janeiro

Rua Nova n.º 259  
Recife — Pernambuco.

# Concordia! Rua—Menina!

Oh Concordia de meus sonhos! Oh Rua  
Pyramidal!  
Transcendental!  
Meu triste coração, lívido, estua  
Ao vêr-te assim tão cheia de attracções,  
Repleta ainda mais de seduções!...  
No teu olhar obliquo de chineza,  
Deixas transparecer toda a beleza!...  
Nas tardes scismarentas de verão,  
Vives a modular linda canção!...  
Oh Concordia, graciil melindrosinha!...  
E's de Tanagara excelsa figurinha!...

Eu te vejo, Garota, todo o dia,  
Saracoteando,  
Sarabandando,  
Rodopiando,  
Valsando,  
Ballando,  
Dansando

Um bello fox-trot de alegria!...  
Os autos soltando uivos lancinantes,  
Os bondes em carreiras impetuosas,  
Os sorrisos, os gestos captivantes  
Das "estrelas", das "rosas" tão formosas,  
Deixam mais uma vez infa patente  
Quanto a Rua da Concordia é transcendente.  
Na Concordia, meus olhos estonantes,  
Não cessam de fazer voltas colleantes!...  
Quanta alegria!...  
Que melodia!...

Zelia! Salvina! Emilia! Eis a Trindade  
Virtuosa. Fé-Esperança-Caridade!...  
Olgalinda, jovial, sempre risonha,  
Jamais se mostrará triste, bisonha;

A singela *Delzuita* e *Antonietta*,  
As morenas *Irene* e *Ladyclaire*,  
Quatro candidos liris do planeta,  
Da Cidade-Mulher, o *rosicler!*!...

E *Niza*, a singelinha professora,  
Esvelta, maneirosa, encantadora!...

*Glorinha* e *Alzira Santos Selva* são  
As *discuses* da Rua-Tentação!!...  
*Lucinha* e *Doralice*, juntamente,  
O duo, da Concordia, resplendente!...

*Abigail*, *Alda Cruz*, *Euthalia Santos*,  
As *geishas* da Concordia! Tres encantos!

Mirificos olhares os de *Aurora*...  
Nos seus labios um riso sempre aflora...

A' brillante escriptora, minha *Musa*,  
Jamais procurará tecer louvores!  
Por ser fraca, sem brilho ella se escusa  
De tocar nas regiões desses Condóres!...

Sinto saudades, oh Rua-Menina,  
Dos teus sorrisos e da tua gente...  
O meu coração, grita, docemente  
Contrito: — Vinde a mim, Rua-Menina!...

Se arvores de cabello à la *garçonne*,  
Iguas à Mauricéa *Allucinada*,  
Ou mesmo à Paulicéa *Desvairada*,  
Ou infa a Encantada *Filippéa*,  
Tivesses, oh Concordia Decantada,  
Serias do Recife a Rua-Déa!...

BATELÃO.

## Não esqueça V. S.

que a

# Casa Muniz

continua a manter em Recife  
a primasia no sortimento de **finos cal-**  
**çados e chapéos de luxo.**

Imperatriz, 246 — Telephone, 679

## Recordando...

Tes olhos coruscantes fitaram-me doce e ternamente naquella tarde calmosa em que nos encontrámos no caes, atraídos por uma força irresistivel, profunda, sincera, forte como mais nada neste planeta de seduções e de tristezas.

Vacilaste ante minha inesperada presença. Notei, e tambem o meu companheiro inseparavel de todos os passeios, o amigo predilecto des de minha infancia, o espirito leal e para quem não posso segredos.

Passei diante de tua pessoa, meio hesitante, percebendo que o terreno se me estava a fugir dos pés. Transpuz a onda da incerteza. Eram suposições, chiméras fulguras de quem ama e que estão sempre e sempre a atordoar os corações assim dominados.

Munidos da respectiva licença para penetrarmos no paquete, o fizemos sem delonga. Era minha intenção, o meu sonho de varias noites que se iam tornando em uma realidade quasi sobrenatural, sem os impecilhos que suppunha, e que me cortariam o fio da esperança esplendorosa que tinha em vê-te naquelle domingo, que guardo com extremo carinho no sacario de minha paixão, e que recordo com delectaveis e imorredouras saudades.

No salão do navio resoavam musicas sentimentaes e um fox-trot melancolico, e que possue a força estranha de fazer lembrar-me de ti, de teus sorrisos de nuancas palpitantes, de teus sublimes olhares, fez vibrar a corda de minha sensibilidade amorosa.

Sentia, e amargamente, não te poder contemplar naquella occasião, ao som mavioso de uma valsa de Strauss, somente menos impressoante e emotiva do que a musica silenciosa de nosso affecto.

De vez em quando, das alturas do convéz aquecido pelos tepidos raios do Sol, podia e com indefinido prazer, descortinar o teu vulto airoso, guapo, espelho de luz portentosa e ponto unico da convergencia de minhas atenções.

E, quando a sineta de bordo deu o signal para que nos retirassemos e que abracei o collega que rumaria, d'ahi ha momentos, á metropole do Paiz, uma tristeza imensa e profunda pungia todo o meu ser, porém, por ter forçosamente, de desviar-me dos teus olhos scintillantes e que me iluminavam tão meigos e incessantemente.

E a saudade foi tão grande e tão forte, que quasi me fez chorar, no instante em que o silvo agudo do paquete nos dava o seu penoso e irrevocabel adeus, juntamente com a viveza e significação do teu

derradeiro olhar, naquelle tarde de encantos mysticos e heróicas recordações.

K. VALHEIRO.

## Mosquitos com lampeão

Mr. Charles Henry, naturalista inglez, havia chegado a Corumbá, pelo navio a vapor "Marcédes", que o conduziu de Monevidéo até ali. Alugou casa, e conseguiu, com o vizinho, bom criado, rapaz honesto, incapaz de tocar em qualquer objecto que ficasse fóra das malas. Era como lhe affirmava o vizinho: podia-se-lhe confiar oiro em pô.

Percorreu o inglez toda a cidade, e recolheu-se cedo, de noite.

Accendeu o lampeão de kerozene, e foi lér.

Como poderia lér o naturalista? Invadiram-lhe a casa nuvens de mosquitos.

—Juan! Juan! — bradou o homem, horrorizado.

—Que ha, patrãozinho?

—Juan, mim não pôde lér. Perli longa não deixa. Que fazer?

—Que fazer? Vossa senhoria não pôde ter luz acesa aqui. Os mosquitos, assim, não deixam vossa senhoria parar!

—Que fazer?

## Salutares

E' a ultima palavra em desinfectante. O seu emprego nos escriptorios, collegios, cinemas, cafes, gabinetes sanitarios, estabelece um ambiente agradavel e hygienico.

Depositarios — Carlos Vianna

Rua Larga do Rosario, 128-1.º and.



V. Ex.<sup>a</sup> economisará tempo  
e dinheiro visitando à

• • • •

# CAMISARIA ESPECIAL

• • • •

Roupas brancas, artigos para  
viagem, cama e mesa,  
camisas, pijamas, cêroulas, gra-  
vatas, perfumarias e outros  
artigos para homens e rapazes.

• • • •  
O maior e o melhor sortimento

• • • •  
Rua Duque de Caxias-235

PHONE, 526

V. S. já comprou o seu

*Ford*  
THE UNIVERSAL CAR

Visite sem demora a grande exposição dos modelos de 1925



que está fazendo a firma

**Oscar Amorim & C.**

Rua da Imperatriz, 118

e

Praça da Independencia  
n.os 32 e 34

Si V. S. precisar carregar o accumulador do seu auto, se precisar de pneus ou camaras, graxas, oleos, etc., procure servir-se em nossas casas que [será] promptamente attendido.

Semanario de artes, humorismos e  
mundanidades  
Director proprietario — Alfredo  
Porto Silveira  
Redacção e administração: rua 15  
de Novembro 331, 1º andar  
Phone, 45

CIRCULAÇÃO AOS SABBADOS  
Número avulso 500 réis — Número  
atrazado 800 réis  
Assignatura annual 25\$000. Assi-  
gnatura semestral 15\$000  
Representante no Rio de Janeiro  
e São Paulo: dr. Luiz Mendes,  
avenida Rio Branco, 127, 2º andar.  
Rio de Janeiro.



Anno V — Num. 183

Recife, 28 de Março de 1925



RURAL

Bateu-nos á porta, nesta semana, finalmente, envolto em agasalhos, de capote e guarda-chuva, a pingar, com os pés enlameados, o nosso inconstante d. Inverno.

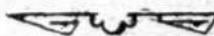
D. Inverso é um delicioso tipo de cartão postal que nós nos habituamos a ver de cabellos blancos, chapéo de felfro, vasto sobretudo, pelliças, luvas, a machucar, com re-quintada volupia, a neve dos caminhos, essa deliciosa e linda neve dos cartões postaes, a embranquecer tudo, desde o leito das ruas, aos telhados das casas, ás ogivas, aos vidros das janelas modestas, onde mãos nervosas tamborilam, muita vez, vendo cahir, lá fora, lentamente, em lindos flocos alvos, de lá, a neve, a neve que inspira poetas, borda versos de lindos poemas e arrasta aos rigores da pneumonia milhares de pulmões.

Aqui, porém, d. Inverno é diferente. O nosso verdadeiro d. Inverno é um typ commum de um prosaísmo réles, desconcertante. O nosso d. Inverno enverga um sobre-tudo de gabardine ou de borracha, sem o luxo das pelliças, nem chapéu de palha ve-

lho, umas calças brancas uns sapatos brancos, meia brancas e arrasta a sua figura grotéscica pelas ruas enlameadas da cidade a ostentar os sapatos e as calças brancas sarapintadas da lama dos caminhos, dessa lama negra e ignobil que emporcalha tudo: as calças, os sapatos e a alma.

Pois foi esse horrendo d. Inverno que nos bateu á porta nesta semana. Foi esse d. Inverno, de uma inconstancia alarmante, que nos veio trazer saudades da neve dos cartões postaes. Foi esse d. Inverno que me veio arrancar do passado pessadas recordações. Recordações do tempo em que, menino, eu via, nos rectangulos de cartão que as livrarias sacudiam nas montras, o d. Inverno de sobre-tudo a pisar a neve que era um lindo enfestonamento de arminho enfeitando a paysagem.

## JOÃO OUTRO



Depois, com o Tempo, enquanto perguntava a mim mesmo por aquelle encantador d. Inverno, certo de que elle vinha sempre, sem que eu o visse, á minha ansia de espera foi, aos poucos, substituindo o vigor da realidade.

E, hoje, mais uma vez na minha vida, eu vejo chegar, humido e sujo, o nosso d. Inverno, este que é bem nosso, de calças e sapatos brancos, a sacudir delles a lama negra dos caminhos, como se houvesse retornado de longa viagem atravez a alma da humanidade.

Eu não sei se te abençõe, d. Inverno. Certo, has de trazer ás sementeiras o teu elemento de vitalidade. Mas, a tua inconstancia? Será que, ao envez disso, lhes tragas a morte, a ruina?

Seja como fôr, ahí estás. Esperamos que de tua bagagem venha aquillo que nos trouxeste, por dadiva, mercê de tua generosidade, ainda mesmo que as tuas calças e os teus sapatos brancos enlameados nos venham irritar a alma e nos suffocar a illusão doirada dos teus encantos...

# Entre um accesso e outro da allucinada Mauricéa

Um domingo no "Martinica" na amavel companhia de Renato Carneiro da Cunha, Alfredo Medeiros, Olegario Marianno, Ernesto Jacques, Luiz de Faria, Leovigildo Junior, José Estevão, Paulo de Aguiar, Arthur Medeiros e outros, é um pouco de alegria e de bellez com que a gente salpica a vida continuamente trabalhosa da cidade.

Para lá se chegar, é como si fosses em procura do Céu. E é, realmente, ao Céu que nos parece havermos chegado.

Assim foi domingo ultimo.

Dizia o Alfredo Medeiros, em viagem — uma viagem de sóbe e desce ladeira — que íamos descobrir a America. Mas, emfim salvos, alcançamos o licor de genipapo do Renato, o qual estava de se lambor os belços (o licor, não o Renato).

Foi Arthur Medeiros o primeiro a supplicar os ouvintes. O pae saiu ao filio: é o mesmo mágico do violão, um damnado que, com uma prima e um bordão, é capaz de maiores milagres do que o Maximus Niemayer. Entrou com o seu bahiano, pura especialidade da casa, que não souberam imitar o Pernambuco e o Donga quando, extasiados, o ouviram tocar.

Depois o Alfredo Medeiros executou uma daquellas valsas suas — a Décia, si me não engano que arrancou do Olegario uma exclamação de raixa:

— Oh, gente ruim!

E era mesmo. Porque o Ernesto Jacques, mais o José Estevão e o Luiz de Faria, parecem não ter a minima consideração aos nossos nervos e à nossa tranquillidade de espirito. Não se sabe qual o mais carrasco...

Velo, depois, a sessão do Cavalllo Marinho durante a qual o Medeiros, filho mostrou os seus conhecimentos profundos do Bumba-men-boi. Mas, terminada essa, o Ernesto não deixou ninguém descansar. Dobrou o arco e impôz silêncio com a sua deliciosa valsa Meia-noite — uma joia de melodia.

Leovigildo abriu, em seguida, o bocão e não havia quem não chorasse vendo a cara de amargura e tristeza que o Léo fazia. Afinal voltou o riso aos corações desportos, porque a Maria Joanna já se preparava para nos dar o golpe de misericordia. E' uma morena retinta, com uma fieira de dentes solidíssimos e mais alvos do que o seu vestido alvíssimo.

Quando começou a cantar, ao somo murmúrio dos violões gemedores, lembrei-me da esposa do Fidalho que, segundo conta Fidalho de Almeida, se dizia ter o céu da boca de platina. Sua voz, de um timbre sonoríssimo, encheu o ambiente de alegria:



O nosso presado collega Austro Costa, caricaturado pelo lapis de Nestor.

"Na fulô,  
ronca o bezouro  
na fulô,  
ai! na fulô  
ronca o bezouro  
na fulô,  
deixa roncá..."

O côro acompanha. Zé Estevam se acaba nas falsas. Ernesto Jacques diz com o seu violino o que nunca soube dizer porque é Maria Joana quem o inspira naquelle: — ai, na fulô!, um gemido de cabocla que extravasa, na musica, um grande amôr, jogado ao abandono...

Depois, como o repertorio della é inexaurivel e a garganta incansavel, sobrevenem o:

"Sae do sereno,  
Yayá,  
sae do sereno,  
Yayá,  
tae do sereno,  
que a frieza faz má..."

E assim se passam as horas até que, reunidos em assembléa, concordam todos em ir á mesa, onde os espéra, prompta para o sacrificio, uma buchada...

Pantagruel, representado por Leovigildo Junior, foi o primeiro a se sentar. Outros se lhe seguiram. Teve logo, então, um interessante pareo, cuja saída foi dada, com o primeiro prato servido, por D. Irene Carneiro da Cunha, a gentilissima dona da casa.

Pulou de ponta, o dr. Renato que conseguiu repetir, sem esforço, tres vezes a buchada. Vinha em 2.º Olegario e em 3.º Leovigildo. Na milha, o dr. Renato cede a dianteira a Olegario que, por sua vez, nos 1.300, cede-a a Leovigildo. Senhor da vanguarda este não a cede mais até o vencedor onde chega, folgado, tendo coberto a distancia de duas buchadas, tres linguas, dois roast-beefs, quatro perús e fiambre e uma infinitade de sobremesas, no tempo de 15 minutos.

Entrou em 2.º, Medelros que fez brilhante chegada, em 3.º, Renato, 4.º, Olegario, que não se mostrou resistente e 5.º, Ernesto Jacques. Os demais chegaram com muitos corpos de luz, tendo Luiz de Faria fechado a rosca.

Terminado o almoço, voltaram todos ao terraço, onde foi servido o café. Novamente empunhados, os violões abriram o echo. Foi quando eu me lembrei da quadrinha do poeta:

## Cabellos

UMA DESCOBERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE REIS

A "Loção Brilhante" é o melhor específico para as affecções capilares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. É uma formula científica do grande botânico Cround, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

É recomendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro, e analyssada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

1º — Desaparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.

2º — Cessa a queda do cabello.

3º — Os cabellos brancos, descolorados ou grisalhos voltam á cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4º — Detem o nascimento de novos cabellos.

5º — Nos casos de calvície faz brotar novos cabellos.

6º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

A venda em todas as drogarias, perfumarias e pharmacias de primeira ordem.

Alvin & Freitas, cessionarios da Caixa Postal n. 1379 — São Paulo.

"Quando eu oigo um violão,  
páro e tiro o meu chapéu...  
Não me importava morrer,  
si houvesse violões no céu..."

Olegario cantarola lindas cousas  
de Tupinambá e de autores argen-  
tinos:

"Sofré que el fuego hiellava,  
sofré que la nieve ardía...  
Y soñando el impossible,  
sofré que no te quería..."

Em seguida, declama, dá alma ao  
seu "Único Amor", ainda mais lindo  
dito por sua boca e acompanhado  
por uma valsa de Alfredo Me-  
deiros.

Maria Joanna volta à roda.  
"Ai, ai a volta do bambá-le-lé  
bamboleio,

ai a volta do le-lé-bambá,  
bamboleio..."

Vae e vem o **refrain**, entremeiado  
de quadras:

"O vento bateu na porta,  
pensei que fosse Joanna....  
Valha-me Nossa Senhora,  
até o vento me engana..."

E assim vai se passando o tempo,  
Medeiros (Arthur) repete o seu  
Lahjano. O Alfredo toca o **Camara-**  
**ragibe**, o **Tira-pão**, o **Martinica**.  
Surgem as marchas carnavalescas.  
Maria Joanna é incansável:

"Oh! que bella harmonia,  
nesse dia,  
oh que bello prazer...!"

Depois, as sras. Alfredo Medeiros e

José Estevam cantam dois lindos  
fados, até que chega o momento de  
partir. Leovigildo Junior é de opinião  
que se espere o jantar. Dr.  
Lins Petit também. Mas o Paulo de  
Aguilar e eu precisamos chegar à  
cidade.

E entre expressões de gratidão  
aos bellos e deliciosos momentos  
que a família Carneiro da Cunha  
nos proporcionou, partimos...

As ladeiras novamente se sucedem. O "Ford" não extranha o terreno. A viagem se torna magnífica. E tel-o-la sido até o fim si o Léo  
não tivesse perpetrado um **troca-**  
**diño**, terrível:

— Não devemos temer o perigo  
porque temos o **Aguilar** a guiar...

Era na entrada de Jaboatão, onde o dr. Paulo já não tinha, felizmente, (como na ida) abcessos a furar. **FRADIQUE TORRES.**

## Theatros e Cinemas

### THEATRO DO PARQUE

#### Companhia de comedias **Aura Abranches**

Continua a proporcionar ao nosso público bellas noites de arte a "Companhia Portugueza de Comedias **Aura Abranches**".

Esta semana foi cheia com algumas "reprises", além de novas peças que, em récitas de assignaturas, subiram à cena.

O teatro é, pelo inverno, uma excelente diversão... para gente rica, para os que podem voltar a lar no conforto macio e quente de um automóvel.

Para os que voltam aos penates no duro de um tramvá, o teatro é, francamente, uma espiga, como se diz em bom e clássico português.

Talvez por isso, os espetáculos da **Aura Abranches** não tem apanhado a concorrência que seria de justiça desejar ao conjunto, de cuja harmonia se têm salvo algumas peças pouco sofríveis.

Ante-hontem foi encenada, em récita extraordinária, a admirável peça de **Martiny Sieni**: "Amanhecer".

Para amanhã está anunciada, em matinée, "A garota", a deliciosa peça com que **Aura Abranches** encheu de sucesso a sua encantadora festa artística, além de um concerto pela "Banda Municipal", no qual tomará parte grande número de instrumentos de metal e corda, sendo o primeiro que, nesse gênero, fará entre nós, aquelle harmonioso conjunto musical.

### DR. GO'ES FILHO



Viajou para o Rio de Janeiro, a bordo do "Zeelandia", o nosso distinto colaborador dr. José de Góes Filho, que, em comissão dos bachareis formados em 1924 pela nossa Faculdade de Direito foi encarregado de fazer entrega ao seu patrono, ministro João Luis Alves, do quadro de formatura que está magnificamente ilustrado pelo pintor H. Moser.

Acompanhou-o os novos bachareis Mario Porto e José de Queiroz Lima.

O distinto viajante **A Pilheria** augura bonançosa viagem e espera, de uma sua promessa, poder oferecer aos seus leitores, dentro em breve, lindas crônicas de sua autoria.

### CINE-THEATRO MODERNO

O querido e elegante animatographo da praça Joaquim Nabuco encheu o seu cartaz, nesta semana, de magníficos films.

"Toma cuidado!", da Goldwin, "Escândalo Social", da Paramount, com admirável trabalho de Gloria Swanson, e "A Idade das loucuras", da Universal, fizeram a delícia dos seus frequentadores.

Para hoje e amanhã está anunciado "O piloto caprichoso", da Paramount, para cujo sucesso basta um nome: "Thomas Meighan".

### RECIFE... CIDADE MULHER

Da autoria do musicista sr. Ismenio Furtado, recebemos um exemplar do fox-trot, para piano **Recife... cidade mulher** o qual está à venda nas nossas principais casas de musicas.

Gratos.

### THESOUROS D'ALMAS

O nosso confrade de imprensa carioca dr. Alberto Porto da Silveira, director do *Jornal do Brasil* tem no prelo para entregar à circulação dentro de alguns dias o seu primeiro livro de crônica intitulado "Thesouros d'Almas".

O livro do nosso conterraneo que está sendo ansiosamente esperado, encerra uma série de crônicas pelo mesmo publicadas na imprensa da metrópole e outras novas de grande sucesso.

## Jornal da Lavoura

Telephone 663. End. Teleg. CANNA. Redacção e  
administração, rua 15 de Novembro n. 452 1º andar.  
Uma vez por semana. Trata de interesses da lavoura,  
da indústria e criação.

Assinatura, 15\$000 por anno.

# BA-TA-CLAN

Quando estive em São Paulo, faz dois annos, o meu amigo Everardo quiz mostrar-me os elementos femininos representativos da alta sociedade paulistana;

e assim, proporcionou-me dois en-  
ses: assistir a um espectaculo no  
Theatro Municipal, e comparecer a  
um baile;

á porta do Theatro, antes de ini-  
ciar-se a representação, pôz-se a cl-  
tar os que entravam: mme. X, es-  
posa do grande capitalista F., e sua  
filha, mme. Z — bello talento mu-  
sical; mme. N., uma das mulheres  
mais bellas da cidade; mme. L., ri-  
quissima, tirou o ultimo concurso de  
belleza, mas, affirmam que ella mes-  
ma mandava comprar os votos;  
aquelle é uma viuva que possue uma  
fortuna consideravel, e é elegantissi-  
ma, ri, passeia, dansa, diverte-se...

No baile, as apresentações foram  
pessoas...

Também no Triangulo, em uma tar-  
de chic de sabbado, passámos em re-  
vista meio mundo feminino...

Ora, acontece justamente que o  
meu amigo de São Paulo se acha em  
Recife, já lá vão uns quinze dias;

e eu quiz da mesma forma indi-  
car-lhe a sociedade feminina pernambucana, para o que aproveitei uma  
tarde na Bijou, uma soirée no Mo-  
derno, e uma festa nos esplendentes  
salões do Jockey Clube...

Na Bijou, ao som da orchestra e  
ao saborear do *Diplomata*, foi-me da-  
do mostrar-lhe:

—Ali estão, na mesa de frente,  
duas das mais encantadoras *divuses*  
do Recife: Lucia Lewin e Carmen  
Gomes de Mattos. Nas festas litt-  
rarias que promovemos brilham, sem-  
pre, com a intelligencia e naturali-  
dade com que interpretam os nos-  
sos poetas.

—Mas, que poetas preferem elas?

—Parece-me que o poeta preferi-  
do de Lucia é Hermes-Fonseca, e de  
Carmen, Gilka Machado. E é um en-  
canto ouvir-as recitar.

—Você está vendo aquella senho-  
rinha de olhos...

—Já estava reparando naquelles  
olhos, negros e grandes, rebrilhando  
quasi uma chamma interior...

—Basta, meu amigo. E' a senho-  
rinha Heloisa Chagas, escriptora das  
que se podem ler sem receio, por-  
que escreve com elegancia, e o seu  
estilo possue toda a suavidade, to-  
da a musica de uma manhã prima-  
veril. Ha de notar que o espirito,  
ali, se une... — ... à formosura.

—Adivinhou v. Fixe a vista na-  
quelles dois vultos ao nosso lado es-  
querdo: são duas irmãs: mles. Ma-

ria Dulce e Celeste Pinto Pessoa, or-  
namentos dos que muito se estimam  
em nosso meio social, pela gentileza  
e alegria interior — expressão de  
felicidade — que as dominam sem-  
pre.

—Vai entrando, agora, mle. Bel-  
lém Lyra, vocação artistica de in-  
contestado mérito, que, por varias  
vezes, ao piano, ha recebido calorosos  
e justos aplausos do publico re-  
cifense. Mostra, assim, um ar de  
tristeza, mas, vive felicissima, e não  
me parece que as musicas tristes a  
agradem muito.

—E quem são aquellas duas ele-  
gantes criaturas, lá baixo?

—Ah! sim! São as mles. Ida e  
Iracema Faria, que impressionam  
pelo seu porte altivo, semelhando  
duas estatuas de Phidias.

—Vamos sair, meu caro Everardo.  
Outro dia voltaremos à Bijou... Ia-  
me esquecendo: quer ir amanhã ao  
Jockey Clube? Lá se reune a melhor  
sociedade de Pernambuco. Não é v.,  
socio, mas, comparecerá na condição  
de visitante.

—Muito bem. Irei.

—Neste caso, jantaremos lá. De-  
pois... bailaremos.

—Então, ás...

—... 19 horas.

Realmente, estivemos no Jockey  
Clube. Os salões esplendiam de luz e  
de côres.

o jantar havia-se iniciado, e nem  
uma banca desocupada, pelo que nos  
resolvemos a ler algumas revistas;

Sobre uma mesa, as revistas dor-  
miam silenciosamente, e o moço-rico —  
uma qualidade de gente inventa-  
da no sec. XX. — pegava de al-  
guma, olhava a capa, e jogava-a pa-  
ra um canto:

o moço-rico vai, apenas, dansar;  
nem sequer palestrar, porque não sa-  
be, como si o encanto de uma re-  
união social estivesse, somente, na  
dansa;...

—Este numero da *Ilustração* traz  
uns lindos versos de Alvaro Moreira,  
disse-me Everardo;

—um moço-rico que estava ao la-  
do, ao ouvir falar em poesia, retirou-  
se aborrecido. —

E absorviamos em agradaveis  
leituras, já esquecidos do jantar,  
quando uma familia penetrou no sa-  
lão; e um vultosinho agil, nervoso,  
interessantíssimo, se destacou, acer-  
cou-se da mesa em que estávamos, e  
pegou de um *Fon-Fon*, folheou-o:  
uma *Revista da Semana*, folheou-a:  
uma *A Careta*: uma *Ilustração*, fo-  
lheou-as ligeiramente: sentou-se, e,  
logo, ergueu-se, dirigindo-se ao sa-  
lão de dansas.

—Que linda creatura, disse-me o  
Everardo...

—Impressionante, sobretudo, res-  
pondi-lhe.

Everardo ergueu-se, foi ao salão  
onde dansavam, e, voltando:

—Já está dansando, e, pelo que  
vi, dansa maravilhosamente. Quem  
é, por final?

—Sou egoista, meu caro: não lhe  
digo...

Everardo sorriu: acrescentei-lhe:

—Chamam-se Lucia Rodrigues de  
Souza...

—Reside?...

—Você se está adeantando muito:  
por ora digo-lhe apenas o nome: de-  
pois farei com que seja apresentado,  
e v. verá o seguente: que Lucia,  
além daquelle todo gracioso, e uns  
olhos, um sorriso de despertarem um  
coração de pedra, é dona de um es-  
pírito irrequieto e encantador.

—E aquella que está á nossa fren-  
te, sentada?

—Você está um detective: pois eu  
não havia reparado... Aquella é  
mle. Dina Bandeira... um lirio,  
meu amigo, um lirio... Na praia de  
Bôa-Viagem appellidaram-na a mais  
leve creatura da cidade, e affirmam  
que o mar, sempre que a via, sor-  
ria de contente. Ella tem assim um  
ar...

—... de orgulhosa...

—entanto é uma alma simples,  
gentil e bôa: poderia, si o quizes-  
se, orgulhar-se de si mesma.

Mle. Dina Bandeira, a convite de  
um cavalheiro, ergueu-se para dansar.

—Repara no seu andar turturino:  
nem parece que está andando: ella  
nos faz evocar as notas de um vio-  
linho: que o vento vai levando.

Dirigimo-nos ao salão de dansas;  
a orchestra executava o mais re-  
cente "fox-trot" de um jovem compo-  
sitor pernambucano.

—Está vendo, Everardo, aquellas  
tres senhorinhas que vão chegando  
agora?

—Sim.

—Chamam-se Dinah Rosa Borges,  
Maria Luiza e Heloisa Borges Ro-  
drigues. Vou fazer-lhe uma apresen-  
tação, e você notará que espíritos de-  
licadíssimos possuem, feitos de vel-  
ludo; e dansas...

—de encantar...

—Sim, porque você poderá entre-  
ter uma conversa, e deliciar-se de  
princípio a fim.

—Essa que está a dansar com es-  
se cavalheiro alto, é mle. Irene Au-  
tunes: que physionomia graciosa,  
hein! Pelo carnaval, ella trajou de  
jockey, e foi o mais lindo jockey que  
eu já vi até hoje.

—Bem, meu caro, vamos jantar...

... e no proximo sabbado continua-  
rei a minha reportagem.

LUIS DE MARIALVA.

## PHOTOGRAPHIA ELITE

A mais acreditada e a que melhor atelier dispõe  
nesta Capital.

Retratos expressivos, artisticos e inalteraveis.  
Ampliações finíssimas de todos os tamanhos.

Arte, Pontualidade e Comodidade.

RUA DA IMPERATRIZ N.º 88 — Phone N.º 563. Recife.

Mauricéa! Eu tenho a volupia emocional da distancia. No absurdo desequilibrio das minhas abstrações, eu sinto a nostalgia da beleza, que deslumbrou meus olhos, sem que eu nunca houvesse, na retina, a luz miraculosa que enlouqueceu Narcisos.

Mauricéa! No vesuvio crepitante do meu cerebro, derramaste, ó distante perturbadora! o philtro branco da saudade, saudade que é ansia de te vêr, e é magua de te deixar, se eu transpuzer, um dia, as tuas pontes e rítmico meus passos pelas tuas ruas.

Olinda, a avoenga e heraldica Olinda, onde os sentinelas farfalhantes dos coqueiros se perfilam, vigilantes, não sei porque, tenho-a adormecida na minha alma, e dentro do meu coração.

E' ainda manifestação hypersensivel dessa

volupia enlanguecedora da distancia, a enternecida admiração e allucinado entusiasmo por ti, ó Mauricéa, que eu sonho, na mes a desesperança com que espero, ainda, o ideal que nunca vem e se desperdiça, e nos foje...

Os teus poetas! As tuas mulheres! O teu sortilegio enfeitiçante, Recife das pontes lyrics, das aguas rondantes, que são thesouros de velhos doges, scintillando ao luar, incendindo ao sol!

Eu vivo crucificado no amer, no culto dos teus artistas!

E' por isso que és, para o desvirginamento dos meus olhos, a sereia de olhos verdolentes, cantando rapsodias embaladoras no delírio aquático das algas rendilhadas.

Amo-te! E não sei que mysterio vive em minha religiosidade artística, para que eu te sinta toda nua, tu, que és Cidade-Mulher!

Os teus poetas! Austro-Costa, o trovadorresco e communicativo cantor do "Mulheres e Rosas", o insurrepto e extraordinario renovador do "Poemas Impossíveis"; Joaquim Inojosa, o luminoso demolidor de "A Arte Moderna", o animador serenissimo do "Bailado de Emoções"!

Mauricéa! Tens o destino de fascinar, de inspirar a chama transcendental do genio.

Paulo Torres, o nevrosado *danseur* do "Bailados Brancos", o elegante penumbrista do "Hora da Neblina", esse te possuiu e te beijou e teve sob os olhos extasiados, o teu corpo allucinatorio, de nervos jazzbandicos!

Allucinada Mauricéa! Recife adormecida na distancia!

E's bem essa mulher torporizada, que fica, sob a poeira das estrellas...

*a mirar sua beleza no espelho branco do Capibaribe...*

# Recife, adormecida na distancia...

B R U N O  
D E  
M E N E Z E S

O ambiente em que nos encontravam era o de um velho predio, onde se instalara, outrora, uma casa de vender bilhetes teatrais e hoje transformada numha feira de quadros de artistas diferentes, sob a guarda de um jovem trajando elegantemente um terno de esmeralda cinzento.

Isto na Rua Nova onde a curiosidade do nosso publico tem admirado uma duas ou tres dezenas de quadros quando Roberto Pinto nos referiu:

E' estranhalvel isto. Vim agora de uma outra exposição de uma outra exposição também localizada numha das ruas principais da cidade, com boas á portas, em rua bem calçada, acessivel assim ao transito de automóveis e encontram com a maior tristeza o salão vazio, as mesas...

— Naturalmente n'ha exposição de artista brasileiro. Je artista n'ha?

— E' verdade. A exposição de Balthazar da Camara, um moço de talento e de idéas que nada tem conseguido em sua propria terra...

... Onde a critica só sabe fazer elogios aos estrangeiros e os collectionadores só adquirem quadros de estrangeiros.

Mas você, apesar de viver na imprensa, não descobriu ainda o segredo?

— Não. E ha segredo?

Pois ouça a minha opinião: Em Recife, com rarissimas exceções, quem adquire quadros em exposições, não sabe avaliar o mérito dos mesmos. Não sabe se o quadro é bom ou se o quadro é mau. Comprá os pelo berrante das tintas como compraria um livro que tivesse uma capa escandalosamente lithographada ou o que é pior, porque o quadro é de um estrangeiro e o nome do artista pode ser para os imbecis que o veem uma garantia do bom gosto de quem o adquiriu. Com um artista nosso não é assim. Todos o conhecem e o collectionador não pode fazer a contraria. Isto é, não sabe justificar as razões, que o levaram a comprar o quadro. Se é bom o trabalho, não sabe elle dizer porque o é, se é mau, verifica-se o mesmo.

Dáhi... Dáhi a exposição do sr. Balthazar da Camara estar assim, sem ter o artista vendido um só quadro e esta estar concorrida e com probabilidades de vender todos os seus quadros. E n'ha vez que isto se dá sempre e sempre. Aponte-me um pintor, n'ha que tiverse obtido successo idêntico ao de algum estrangeiro? Nenhum. Todos elles quando muito obtiverem o necessário para pagamento das molduras.

— E' uma tristeza.  
— Uma tristeza e uma verdade.  
— Vamos sair?  
— Vamos.

Estamos agora em plena rua onde uma onda de melindresas e de almodadiñhas enche os passeios.

Depois um Bijou.  
O salão cheio, a orchestra tocando um tango argentino.

— Um vermouth?  
— Um Hesperia?

Pelos espelhos se reflectem os perfis de Mlle. Lucy Sevim e Carmen Gomes de Mattos, madame Hugo Hoffer, mille. Debora Gonçaga, mme. Kiola de Araújo, Hella Cavalcanti, mille. Beatrizinha Lacerda, mme. dr. Jayme Coimbra, outras distinguidíssimas senhoras e senhoritas do nosso esclô social, as moças...



O intelectual petiz Luiz Eugenio Mergulhão, direcção filhinho do estimável cavalheiro sr. Raul Mergulhão e de sua digna esposa d. Julita Bezerra Mergulhão.

#### ANNIVERSARIOS

Clegario Maria, o querido e apreciado cincelador das *Últimas Cigarras*, teve, na terça-feira ultima, o decurso da sua data natalícia, entre justas manifestações da nossa sociedade.

Pelo auspicioso evento intelectual do nosso meio e amigos ofereceram ao poeta Olegario Maria, um banquete no Jockey Club, no decorrer do qual foram trocadas effusivas saudações.

O illustre sr. dr. José de Góes, secretario de Estado e Negocios da Fazenda, vio decorrer na terça-feira a data da seu aniversario, sendo unica felicitado.

# REGISTO

A exma. sra. d. Virginia Colaço, viúva do saudoso comerciante sr. Manoel Colaço, fez aniversario terça-feira ultima.

Anniversario na ultima quarta-feira o illustre sr. dr. Carlos de Lyra Filho, director do *Diário de Pernambuco* e deputado federal por este Estado.

Transcorreu na quarta-feira a data natalícia da exma. sra. d. Alice Soares de Amaral, virtuosa esposa do illustre dr. Januário do Amaral, juiz municipal de Tacaratu.

Mlle. Irene Botelho, dilecta filha do sr. Alfredo Botelho, funcionario publico e sua exma. esposa d. Adelia Botelho, fez aniversario na ultima segunda-feira tendo recebido carinhosas demonstrações de sympathia de suas amiguinhas.

Mlle. Irene Botelho, deu recepção em sua residencia na rua dos Prazeres.

#### NOIVADOS

Acham-se noivos desde 21 do corrente a gentil senhorinha Carmelita de Azevedo Maia, filha do falecido sr. Antonio José de Azevedo Maia, comerciante de nossa praça e da exma. sra. d. Olindina de Azevedo Maia e o jovem Mariano de Figueirôa Faria, filho do falecido sr. Mariano de Figueirôa Faria, co-proprietario do *Diário de Pernambuco* e da exma. sra. d. Anna Margarida de Figueirôa Faria, mui digna professora municipal.

Parabéns aos noivos.

Veem de firmar contrato de nupcias o estimável sr. Luiz de Barros, da firma Moura Marques & Cia., e a gentilissima senhorita Raymunda Barros, filha do sr. Trajano de Queiroz, guarda-livros em nossa praça.

Estão noivos o sr. João Taveira, do comércio desta praça, e a prezada senhorita Hellodora Vistre da Cunha, filha do saudoso sr. Antônio Vieira da Cunha.

Estão noivos a gentil senhorita Carmelita de Azevedo Maia e o sr. Mariano de Figueirôa Faria.

PO' DE ARROZ LADY continua a ser o melhor

e não é o mais caro.

Vende-se em toda a parte.

# SOCIAL

## CASAMENTOS

Terá lugar, hoje, pelas 13 horas, em oratório privado, o enlace matrimonial do sr. Raymundo Carvalho com a distinta e prendada senhorita Iracema Penante Bastos filha do saudoso sr. Antônio Bastos e de sua exma. esposa d. Rosina Penante Bastos.

O consorcio será realizado na residencia da noiva em Areias, viu- do os noivos, após a cerimônia, para a sua residencia à rua da Santa Cruz.

Realisa-se hoje, o enlace matrimonial do sr. Luiz Marques de Mello, activo auxiliar do commercio, com a prendada senhorita Maria Herminia Chagas.

Os noivos seguirão, em viagem de núpcias, para a prospera cida- de de Timbauba.

\*\*

## VIAJANTES

Encontrava-se entre nós, desde al- gunas dias, o nosso talentoso confrade da Imprensa alagoana Mário Marroquim, redactor do *Jornal de Alagoas* e apreciado musicista.

Mário Marroquim regressou para a vizinha cida de sulista pelo paque- te *Ceará*.

\*\*

## DIVERSAS

Da graciosa senhorita Vera Barroso, dilecta filha do illustre sr. dr. Renato Barroso, que seguiu pa- ra o Rio de Janeiro, recebemos de- lícado cartão de despedidas.

\*\*

Do estimável sr. José Rollim, ge- rente do *Theatro Moderno*, e de sua digna esposa d. Marinha Ro- llim recebemos um cartão de agra- deamento pelas referencias que ti- zemos por occasião do falecimento de sua idolatrada filha milé. Laura Rollim.

\*\*

Recebemos comunicação de ha- ver assumido a gerencia da filial da *Cesa Pratt*, nessa cida, o sr. Deodato Barros Ferreira, em substitui- ção ao sr. Diniz de Azambuja Filho, que foi ocupar idêntico logar no Rio de Janeiro.

Agradecidos pela comunicação.

\*\*

## ENAMES

Após um brilhante tirocinio, aca- ba de colar grão em Odontologia o jovem Cícero Perdigão Nogueira.



Milé. Adelaide Lacerda, gentilissima filha do saudoso coronel Fran- cisco Carnelro da Lacerda e noiva do dr. Cordeiro Pires professor de Mathematica, cuja data natalicia transcorre hoje entre justas mani- festações de regozijo.

• • • • •

funcionario de categoria da Póli- cia Central.

\*\*

## MISSAS

Na egreja de Santa Cruz foram celebradas na terça-feira missas pelo descoço eterno do saudoso ciuri- gião dentista dr. Bento Bernardes, cunhado do nosso distinto confrade e conhecido escriptor Armando de Oliveira.

Os piedosos actos tiveram grande concorrencia.

\*\*

## FALLECIMENTOS

Ha dias internado no Hospital Portuguez onde se submetteu a de- lícida operação velo à falecer na ultima segunda-feira o distinto cavalheiro sr. José Pereira Ramos.

antigo guarda-livros da Serraria Moderna.

Cavalheiro de finas qualidades era possuidor de excellentes dotes de carácter e coração.

Natural de Villa do Conde, em Portugal, onde nasceu a 5 de novembro de 1871, o pranteado ex- tinto era casado ha 25 annos com a exma. sra. d. Barbina Saignel- ro Ramos, deixando desse consorcio duas filhas: a senhorita Aurora Ramos e a pequena Celsina Ramos.

O enterramento do pranteado ex- tinto teve lugar no mesmo dia à tarde no cemiterio de Santo Amaro, perante concurridissimo numero de pessoas.

Nossos pesames a digna familia enlutada.

A Economia é a fonte da prosperidade. Não se comprehende uma boa economia sem que facam as suas compras na loja A EXPOSIÇÃO que é a loja que tem melhor sortimento e vende mais barato do que as outras.

# TELEPHONEMAS

Esteve de parabens o major Telemaco de Mello. Gratissima solennidade. Houve entusiasmo, *champagne* e discursos; e principalmente muito carinho fraternal para com os nossos.

Abriu, com chave de prata, o programa da festa, um banquete de *sem talheres*, que se realizou com esplendores de luz, muita flor, muita menina, afôr um *menu* regio.

Pegaram-se o dr. Renato, proprietário na Ilha do Leite e o Pinheiro, dos pyrilampos do Pahú. O Collares esteve a promover um levante contra esses dois, que não faziam outra coisa, desde o inicio, senão empurrar para dentro até a louça da casa, cortando-lhe assim sem piedade as melhores horas de poesia e satisfação...

O dr. Armando, jornalista de Macaé, fortaleza de mamão, comeu muito pouco; está bem longe de profesar, como diziam, em qualquer grado, a escola de Epicuro; e, parece, a respeito de comedórias e bebedórias sempre foi um pusillanime. Consiste nisso uma das suas deficiencias jornalisticas.

Mas, não lhe faltou redondamente o valor, para enfrentar a segunda batalha: a dos discursos: Disse o chapa nº. 3 (no que faz uma longa viagem). O Adolpho, sem o Henrique, esteve todo o tempo a contar historias do carão multipontado de cincratizes de varíola.

No dia seguinte o dr. Cicero perguntava:

— O Armando no discurso viajou muito? Foi a Roma?

— A Roma? Fez toda a perigrinação, de graça e antes do tempo, respondera o dr. Elpidio: Pudera se o anjinho tem azas.

## EPITAPHIO

R. G. M.

Chorando todas... e até Os sinos: bembem!!! bembem!!! Pôz-se o cadáver de pé: — Meninas, a mãe de quem?

O Araujo, funcionario illustre, ambulatorio, encarregado pela Recebedoria, de fiscalizar o serviço de licenças, etc... e commanditario da polícia, é de uma phylosophia esplendida.

Ha dias, encontrando um amigo, para o qual cahira em falta, num cumulo de gentileza, elaborou:

— Desculpe-me não ter ido ao enterro de seu irmão, mas não faltará occasião...

De outra feita, convidado para ir a festa do Telemaco, desculpou-se:

— Só procuro meus amigos, na dor. E parece isso mesmo, porque só o vi na festa do Henrique, seu inimigo até então.

## EPITAPHIO

A. C.

Foi-se o poeta... que quer?  
Quando o padre encomendou,  
Ouvindo voz de mulher,  
O monoculo assestou...

— Desgrá... cádá!  
Pum!!!

Tte. A. C.

Protestos!... Um caso sério!  
Nos salões... até nas feiras...  
E agora no cemiterio:  
Fez a grêve das cavelas...

Commentava-se, com ruidosa alegria, a nossa ultima victoria sobre os franceses.

Com o foot-ball, fizemos, por assim dizer, muito mais com os pés, do que se tem procurado fazer com as mãos.

Hoje, sabe ali, toda gente, que existe o Brazil, qual as cores de seu pavilhão, que sua gente é branca e sobretudo conhêce a fortaleza de sua raça. Muito be'n!

— E precisamos disso, conta-nos, a propósito o Ilustre capitão-tenente dr. Mario Miranda:

— Na minha primeira viagem a America, um jantar no Texas sacudia-me eu para uma encantadora mexicana, quando à sobremesa, faltando-se no Brazil, ella perguntou-me: que qualidade de sorvete era esse. Passou-me todo o entusiasmo.

— Sorvete com 30: a sombra?

— E eu imaginei que no dia seguinte no jogo muito mestre-escola, na França, esteve em bananas para responder as creanças a posição do Brazil.



CLE'A, linda filhinha do sr. Francisco Rodrigues, capitalista e negociante no Rio de Janeiro e sua digna esposa d. Dinorah Duarte Rodrigues.

## EPITAPHIO

I. P. R.

Quem deixa a farra com gana  
Pra ser serio, de verdade?  
(E' como quem deixa a canna)  
Morreu de bruta saudade!

Theatro do Parque. Num dos intervalos o grupinho descutia o estudo do psychologico dos personagens d'A Prisioneira, chupando balas de... altéa, ovo, chocolate...

— Oh! Elpidio, você não chupa, mastiga.

— Perfectamente, Armando. — Queiro lá saber de chupar. — Eu quero é comer.

E atacava, covarde e desapiedadamente, os 16 dentes superiores sobre o dentinho inferior, esmagando as balas.

— E' porque você tamandualiza a couça, interrompe o dr. Mario.

Estavam todos empenhados no jogo. O copo passava de mão em mão e os dados dictavam os numeros a avançar. O dr. Armando tirou 9, saiu no pembo, teve direito ao vôo e a couça ia, quando no nº. 99 o dr. Branco gritou: — Glória...

Ainda o Theatro do Parque. E terminando a peça o Sacramento grita para a mulher que vai sahindo:

— Desgrá... cádá...

— Faltou o pipôco, diz o Ilustre delegado, lembrando-se do Collares.

## ULTIMAS CIGARRAS

os encantadores versos de Olegario Marianno, o grande vate pernambucano, estão à venda em 4.ª edição, revista e aumentada, de Piamenta de Mello & Cia.

DR. ILDEFONSO FALCÃO



A bordo do paquete "Zeelandia" que na ultima quinta-feira tocou em nosso porto, passou por esta capital com destino ao Rio de Janeiro o nosso ilustrado confrade dr. Ildefonso Falcão, secretario do consulado brasileiro em Amsterdam. Ildefonso Falcão vai ao Rio em goso de ferias diplomaticas, de 6 meses, a que tem direito.

Na sua passagem pelo Recife foi Ildefonso Falcão acolhido por inumeros amigos e intellec-tuaes que conta aqui os quaes o receberam carinhosamente.

Velho amigo do nosso director Porto da Silveira o primoroso poeta d'O meio dia, veio á terra, apezar da manhã chuvosa que fez, vistando-o em sua residencia, em Fernandes Vieira, onde serviu-se de chocolates e bolos.

Viajando na companhia de sua dilecta esposa d. Bertha Goulart Falcão e de sua linda filhinha Isadora, a estas foram offerecidas flores e fructas pela sra. Porto da Silveira.

Ao querido poeta e diplomata A Pilheria apresenta os seus votos de viagem.

# Velho Inverno, la-longe...

(AUSTRO-COSTA)

Já o Inverno entrisece e acinzentá a Paizagem:  
Ha umá expressão de dôr por toda a Natureza.  
Anda o Vento a zinir sacudindo a folhagem...

Cai a Chuva... Trovões... Relâmpagos... Tristeza...  
A alma das Coisas réza a estranha ladinha  
da Tarde que se esvai ensombrando a Deveza.

Baila a Treva pelo Ar. A Noite se avisinha...  
Da janella em que estou avisto o campo e a matta  
onde o Vento, a gemer, sabido, fedemoinha.

Do riacho a agua, em cachões, agora se desata  
e desce, a serpentear dessedentando o gado,  
que olha, soiturno, a superficie que o retrata.

E a Chuva cai... Ha sons dolentes no Ar parado...  
Na solidão ha qualquer coisa de quem chora...  
Quantos, agora, estão relembrando o Passado!...

Um sino plange, ao longe, enlanguescendo a Hora.  
Desce a Noite a assistir á extrema-uncção da Tarde.

(Em meu quarto — tão só! dês que te fôste embora,  
fumo e releio "O Amor e a Morte" de Leopardi).



## DR. JOAQUIM INOJOSA

Fez annos hontem o nosso querido companheiro dr. Joaquim Inojosa, redactor do "Jornal do Commercio" e uma das figuras de mais destacado relevo em nossas rodas intellec-tuaes.

Ha annos formando ao nosso lado na feitura desta revista, o anniversariante se fez credor de uma profunda amisade da parte dos que mourejam nesta casa.

Ao dr. Inojosa deixamos, pelo motivo feliz, nestas linhas, o abraço de significação do quanto lhe queremos.



Quando sahir do cinema, procure V. Exc. a

**Confeitaria Bijou**

e ali passará optimos momentos ouvindo bôa musica e  
servindo-se de um gelado.

## A vida amorosa da cidade

1

*Ella — que a alma da gente traz submissa — não é como as mulheres em geral... E' pequenina, frágil, quebradiça, como si fosse toda de crystal...*

*O seu cabello tem um brilho de ouro e é tão languido o olhar que entro a pensar, que o sol nasce no seu cabello loiro e se deita, vencido, em seu olhar...*

*Quando fala, parece que uma rosa desabrochando está... E aos labios, quer sorrindo, quer em prece, dá um gelo que ninguem dá...*

*Tem um modo subtil e delicado, de dizer tudo aquillo que não sente... Chama, sorrindo, ao namorado, o meu amigo e confidente...*

*Faz perguntas estranhas, indiscretas a que a gente não sabe responder... E tem ódio mortal a certos poetas, condenados por crime de a querer...*

*Têm cousas de creança e de mulher... Queixa-se, n'uma voz alegre e triste, de amar alguém que não a quer, ou de querer alguém que não existe...*

*E continua, ao phone, tagarella, tagarella demais, como ella o diz... Que pena estar assim, tão longe della, sem ter a bocca que me faz feliz...*

WALDE DE OLIVA.

## ESTRELLAS DO BRASIL

Este procurado estabelecimento de fazendas da rua Nova vem de iniciar uma excelente liquidação do seu stock, a qual tem obtido uma grande procura das exmas famílias.

Conhecidos como são os processos honestos da "Casa Estrellas do Brasil", o nosso público poderá procurar-a na certeza de ser optimamente servido.

## VAMOS PRA' O PINA

Offerecido pelo seu autor G. Toni recebemos e agradecemos um exemplar do bello *one step* carnavalesco *Vamos pra o Pina* que tem logrado grande sucesso em nossos salões.

## A dor e a alegria

**A MAGOA** é orvalho que alimenta a flor rôxa da Desgraça; o Riso é o manto diaphano da flor da Felicidade; a flor rôxa é a dor, a flor azul é a Alegria.

Essas duas flores andam a vagar pelo mundo a fôra, sempre incomprendidas e ocultas, uma na outra, como consolo e amor... Ellas se completam, enfim...

A Dôr é a realidade puríssima e suprema; a Alegria o engano eternamente humano e eternamente divino... A realidade é fria como os misterios insondáveis do incognoscível; o engano é a apparencia céleste do ideal e do infinito...

A Dôr é o consolo e tristeza, maldição e desespero; a Alegria é riso e flor, glória e harmonia... Nem sempre a tristeza é profunda, nem sempre o riso é franqueza...

As ondulações da Sorte são ondas que se sucedem e que feneçem na praia da Realidade da Perfeição da Vida; umas, são serenas e calmas, bemfazejas e azues — a Alegria; outras, são revoltas e céleres, incomprendidas e negras — a Dôr...

Mas, sobre uma onda outra onda, e a humanidade avança nessa gíranda, de risos e lagrimas, contrastes e tristezas...

Deixar-se dominar pela Dôr é covardia; deixar-se vencer pela Alegria é fraqueza... A Dôr deve imperar entre os Sorrisos, como a Alegria deve viver no seio da Magoa... Os Sorrisos são flores, a Magoa é o perfume e a essencia... O perfume pertence à flor, e esta flor é o joguete eterno da Vida...

A Dôr e a Alegria povoadas de Amor, o Sonho, o Ideal; vivem irmãs, gemelas uma da outra, ora se-meiando Ventura, ora os grilhões da Infelicidade...

A Dôr é a perola da Perfeição do Sofrimento; a Alegria é a perola do Ideal da Felicidade... Essas duas perolas são os dois extremos — A Vida e a Morte — e que eternamente rolam do infinito pela estrada do desalento do contraste humano.

Amo a Dôr e a Alegria almejo; meu amor é Realidade, meu desejo é o Sonho... O Sonho às vezes morre, a Realidade é sempre eterna...

Dôr e Alegria sempre incomprendidas e infelizes.

RÖCENO NETTO.



O mais perfeito serviço de gelados V. Exc. encontrará a qualquer hora na

**Confeitaria Bijou.**

## Jornal da Lavoura

O "Jornal da Lavoura" poe em circulação o n. 12, anno III, sexta-feira 20 do corrente com o seguinte sumário:

Serviço de Industria Pastoral — Senador Manoel Borba — Dr. José Augusto — A Notícia — Jockey-Club — Nossa propaganda no Nordeste — Os couros de boi — Pelo Mundo Assucareiro — De longe — O pernicioso zebu — Club de Engenharia — O oito-corô — O novo director de Industria Pastoral — O nosso 2º anniversario — Publicações recebidas — Industria Pastoral — Movimento Comercial — Noticiário.

## Academia de Commercio de Pernambuco

Fundada em 1911

Director — Dr. Methodio Maranhão, professor da Faculdade de Direito do Recife, industrial e comerciante.

Unica instituição em Pernambuco, de ensino superior de commercio, que confere diplomas reconhecidos por lei federal como de carácter oficial (Dec. legislativo n. 4.724 A, de 23 — 8 — 1923) funcionando no palacete da Associação dos Empregados no Commercio, por quem foi fundada e é mantida.

AULAS NOCTURNAS PARA AMBOS OS SEXOS

CURSO PREPARATORIO (1)

GERAL (4)

SUPERIOR (2 annos)

Instrução theórico-prática habilitando para as carreiras comerciais, industriais e administração pública.

Excellent corpo docente. Ensino eficiente. Frequencia obrigatória. Programmas amplos, e rigorosamente executados. Laboratorio de Physica e de Chimica.

RUA DA IMPERATRIZ 67 Sobrado

Telephone 495

# De um poeta pernambucano

O nosso confrade do "Jornal do Commercio", dr. Joaquim Inojosa, recebeu, em dia desta semana, do inspirado poeta pernambucano Manoel Bandeira, a carta que abaixo publicamos, e em que o delicioso autor do "Rythme Dissoluto", evoca, com muita saudade, trechos do Recife:

"Petropolis. 15 março 1925.  
Meu caro Inojosa.

Quando já pensava que meus versos não tinham encontrado nenhum amigo no Recife, eis que me chega a sua afectuosa carta, acompanhada do seu artigo e do retalho do jornal portuguez.

Fico muito grato á sua bondade. Ela me põe á vontade para conversarmos pelo correio, esperando a occasão de o fazer cara a cara. Todos os verões faço tenção de dar um pulo a Pernambuco, donde sou, mas onde vivi apenas uns 4 ou 5 anos, 3 deles porém na quadra em que as impressões recebidas são indeleveis—dos 6 aos 9 annos. A minha rua da União! O meu sertãozinho de Caxangá! Monteiro! O engenho do Cabo! Mas você sabe que infelizmente a minha tuberculose não é um tema romantico, mas sim, como disse tão admiravelmente o Mario, a campainha de cinema de sessão corrida, advertindo que me pode entrar na morte a cada momento.

Eu me mexo com dificuldade, apesar da fascinação pelo simultaneísmo dinamico circumtumultuante... Afinal vem um dia tremendo de calor e eu fujo para a serra mais proxima, e é esta Petropolis, em geral intratável para com os tisicos — humida, chi! — mas nós nos entendemos.

Agora reparo que estou contando a minha vida, quando o



Mlle. Altair Pinto, dilecta filha do sr. cel. Alfredo Pinto e naiiva do nosso illustre confrade d'O Paiz dr. Luiz Mendes.

Mlle. Altair vêrá passar o seu aniversario natalicio na proxima segunda-feira entre justas manifestações de suas amigas e pessoas que privam de suas relações de amizade.

que queria fazer é dizer-lhe quanto me envaideceu a sua apreciação dos meus poemas. Ha ali cousas excessivas. Certamente não sou o poeta que você imagina. Fiquei poeta por asar da doença. Ela espetou-me com raiva e me fez saltar meia duzia de gritos babélicos, — só.

Muito obrigado, Inojosa.  
Abraço-o.

Manoel Bandeira.

## Waldemar de Góes

Para o Rio de Janeiro, em viagem de recreio, tomou passagem a bordo do "Zeelandia", o distinto moço Waldemar de Góes, funcionário de cathegoria da Rscebbedoria do Estado e um dos mais conhecidos e acatados desportistas da cidade.

Ao digno moço auguramos optimo viagem e breve retorno.

Todas as tardes a

## Confeitaria Bijou

é o ponto de convergência da melhor sociedade recifense.

De hoje até o dia  
31 de Março

A

# Casa Excelsior

Venderá chapéos de  
palha

com 10 %

de abatimento real  
sobre os seus  
preços marcados

LIVRAMENTO, 53



# A Porta do Leça

cont. xxx

## PRO... DROMOS!

Um dos mais lidos vespertinos da cidade rufou tambores e clarinou toques de guerra num artigo sob o título *Pródromos da trahição*.

Foi um escândalo. Toda a cidade escancarou a boca. Nos bondes nos teatros, nos cinemas, em toda parte, o assunto era o artigo do vespertino.

Foi por isso que o immortal Guilherme de Araujo, moço jornalista de elevado conceito, disse, numa roda de amigos:

— Vocês viram?  
— O que?  
— Este artigo!  
— Que artigo?  
— Este...

Desdobrou o jornal e leu, serio, compenetrado:

— Pro... drômos da trahição.

## DO AMADEU...

— Bom dia, leitor.  
— Oh! Como vaes, Amadeu?

Não ha muitos dias, o Amadeu chegou radiante à redacção. Sorriu para todos os presentes, contou ao Léo Veiga uma historia de 35\$000, ao Léo Borda outra historia de 45\$000, e tomado lugar numa das mesas, ageitou o papel, experimentou a pena, passou-a no cabello, na língua, na sola do sapato, molhou no tinteiro e... nada escreveu.

Resolveu pensar antes. Com a reflexão veio a "desvelado jornalista" a ideia de ler, antes que escrever. Arrancou do bolso uma négsa de papel branco, desdobrou-a e leu duas lindas trovas de Raymundy Correia.

Após a leitura, falou:



## Reportagens & Indiscrições

— Vou fazer uma declaração.  
Depois para o Léo Veiga:

— Estás comprehendendo, não é? Estas trovas são minhas.

Todos duvidaram. Ele corou, saudou a juba farta, uniu mais as pontas dos pés e protestou, indignado:

— O que vocês estão pensando?  
Acham-me incapaz de fazer trovas?

Esperou que os circunstantes deixassem de rir e explicou:

— Pois eu sou um excellente trovador!

## DUAS NÃO, TRES...

Num bond, num desses maravilhosos e commodos tramvias da nossa inexpugnável companhia de tracção e força, viajavam, num banco, o dr. Elpidio Branco, delegado de polícia e o jornalista Pro. da Silveira.

Quando o conductor procurou o preço da viagem o dr. Elpidio dando uma relutante moeda ordenou:

— Duas.

O dr. José Hugo, alta influência

política, viajando atrás, agradeceu:

— Obrigado.

O sympathetic delegado que só então percebeu a presença do prestigioso deputado, não titubeou:

— Por nada, doutor.

Desse modo, quando o atarefado funcionário veio dar o trôco, o dr. Elpidio advertiu-o serio, importante:

— Tres, senhor! Pois não ouviu que eu disse tres?!

E pagou mesmo as tres.

## MÊ! ACABOU??

Oliveira Salles é um moço de espírito que se insinuou, por efeito de seu talento, à nossa estima.

Paulista de nascimento, Oliveira Salles que já tem dito alguma cousa de seu mérito aos leitores da *A Pilheria*, é pouco relacionado no meio intellectual da terra.

Foi por isso que, noutro dia, o apresentaram ao poeta Austro Costa, aqui na redacção.

Astro, com aquella sua deliciosa maneira de captivar, todo viginoso, a falar e a gesticular ás pressas, disse-lhe uma porção de palavras amigas.

Quando o poeta se retirou, nós ainda commentavamos o seu espírito irrequieto, o Salles falou:

— É um moço trepidante. Da impressão de um motor de 3 cilindros.

Depois, pausado, medindo as palavras, em altitude de optimo escore:

— Tenho a impressão de que a sua ultima phrase ao fim da vida, à hora final, será de espanto: Mê! Acabou??

DR. A. DE S.

Os elegantes só usam CAMISAS feitas na  
CAMISARIA SUISSA.  
CASA SUISSA

RUA NOVA 266

# “ De

Minha Amiga:

Tomo da pena para responder sua carta de 19, e elas que outra carta me chega às mãos. Uma linda carta. Outra linda carta que, porém, me não é endereçada por você. Uma carta admirável, consoladora, intelectualíssima de minha adorável "Geisha Mysteriosa"...

É justo, entretanto, que eu lhe responda a V. em primeiro lugar. E respondo enviando-lhe com estas linhas o prometido "Bailado Lunar" de Bruno de Menezes, esse gentil encantador, na phrase desse octro bizarro harmonioso que é Abguar Bastos. Leia-o V. que tanto o admira através de produções insertas aquí, ali e além nos jornais e revistas do Pará, especialmente nossa "Belem Nova" que elle vem esplendidamente norteando para uma definitiva victoria. Para a victoria permanente da Intelligencia e da Bela-  
leza.

Bruno de Menezes é um Rothschild cerebral. Tem pensamentos de ouro e tange uma lyra de cordas de ouro. É todo cerebro e coração. Poeta e chronista, sabem-no todos o cantor

citadino de Belem. É o poeta da Cidade, o ídolo da alma lyrical e heroica, bohemia e sentimental, altiva e generosa da esfinge metropolitana parisiense. É o João de Belem da vida elegante e frívola, aquelle João meio mystico e meio contemplativo, não raro suavemente melanholico, sempre prostrado antes os altares da Bela-  
leza e Ila Graça.

Chronista Mundano, quer na sua nova e interessante secção "Depois de um film, sob o Luar, e ante a Bela-  
leza", quer nas antigas chronicas de "Quando a João Alfredo é a berlinda da Elegancia e da Graça", Bruno de Menezes é o estylistico suavissimo do galantelo intelligent e suave.

Querem-no todos que o leem ali como o maior poeta moço do Pará. O maior e o mais querido numa geração de scintillantes e queridos em que se destacam Severino Silva, Abguar Bastos, A. Ribeiro de Castro, De Campos Ribeiro, Lindolfo Mesquita e tantos outros rapazes de talento.

A propósito, leia V. commigo este soneto do nosso queridissimo Bruno:

## REZA DOS SINOS

Bronzeos, vozalam carrilhões, dobrando  
âlbum, no longe, o Angelus plangente.  
Violaceas mãos nevoentas alongando  
vivem sombras do occaso á luz morrente.

E a voz de bronze, em canto-chão ondeando,  
é o De Profundis do meu sol poente...  
Longinquo sino, donde estás chorando,  
que gemes, unges, planges commóvente?...

Na tarde em cinza expiram sons exangues...  
Carabuários na bruma, os céos ferindo.  
Clamam, braços ao alto, em ansias langues...

Clamam! e dobram fundo, sino a sino,  
funereamente funereiros, carpindo  
rezas de nogue pejo meu Destino.

Um lindo soneto, não acha? Um soneto para a gente dizer, a sós, beatificamente, à hora triste do Occa-

so, num longo tím de tarde sombrio e melancólico, com perfumes de sombras e affagos de hypocondria para

# Monoculo...

a nossa alma. Este soneto Alphon-sus dos Guimarães e Cruz e Souza assignariam commovidos. E o grande e pobre Anthero de Quental, se tambem ainda vivesse e o lêsse, havia de exclamar novamente, como em um dos seus eternos sonetos:

"Conheci a Belleza que não morre." Agora, quando eu já lhe dei uma jola de poesia e sentimento nos quatorze versos elogiacos do Bruno, recomendo-lhe, minha Amiga, a leitura attenta do "Bailado Lunar", o moderno poema do inspirado burilador do "Crescente de Agosto", versos de que V. tanto gosta. Leia-o com a melhor attenção, apprehendendo com intelligencia e methodo o sentido palpitante e luminoso da Belleza e modernismo que avigora nessa *plaquette* harmoniosa, a Arte-pessoalissima do poeta do "Crucifixo".

E' de Bruno de Menezes, minha amiga, a carta que me chegou, vai para 20 dias de Belem:

"Meu poeta das mulheres e das rosas. Escrevo-te ainda sob a evocação de uma embriaguez de ether... O Carnaval... Colombina... Pierrot... Jazzs... Fords em disparada... Um, dois lances-permes, misturados em varias taças de champagne... Um seio de mulher machucado, uma boca de mulher maculada por um beijo todo instinto... Pierrot, pela sua arte e pelo seu amor, transformado em Arlequim..."

Evohe, Mom! Baccho! meu Poeta. Gloria à nossa mocidade, ao sortilegio enfeitiçante de um João — da Rua — Nova e de um João de Belem.

Recife, ó Veneza heraldica, ó Mauricéa moderna, com as suas mulheres e os seus poetas!

Eu tenho a volupia da Distancia, meu Austro-Costa. Não sei por que tenho perpetuamente nos ouvidos, uma cantilena de sereias convidando-me a assistir ao Carnaval, em Recife.

Um dia, em que não tape os ouvidos, à maneira do subtil Ulysses... hei de me deixar arrastar pelo encantamento.

Mas, sim... Uma Colombina, *mignon*, boca humida de *baton*, corpo que era um poema de carne tenra... E o ether... *Lorian, Coty...*

Estou perdido. Pierrot, desta vez vai praticar a loucura de um rapto... Vou lutar contra o Destino...

Austro! Austro! o amor, a Vida, a morte!... Escreve-me! Adeus."

Positivamente encantador, o Bruno, minha amiga. Veja V. quanta alegria e quanta loucura divina nessa carta. E assim o Bruno. Um temperamento bem irmão do meu. Ora triste, meditativo, profundo; ora risonho, ironico, com um sorriso para tudo (como a pratica o maravilhoso Alvaro Moreyra) e um sorriso para todas (como o faz ainda hoje esse outro nababo de emoções, esse sublime amoroso irrequieto que é Olegario Mariano)...

Uma carta lyrica de Carnaval. Os amores de um lyrico delicido e moderno numa terça-feira colorida e de brilante de Carnaval em Belem... Bruno de Menezes, estheta e sonhador, travestido de Pierrot e a bancar, aberrantemente, um Arlequim felicissimo, cheio de beijos, tonto de amor e de ether... Que romanescas e hilariantes aventuras!

Como são adoraveis os poetas, minha amiga!

Adeus.

Continua a beijar-me as mãos.

J O Á O — D A R U A — N O V A

# O QUI NÓS VÊ

# NA CAPITÁ



Seu cumpade, tô bestando.  
Mas eu não vô ti iscrivinhá.  
Perciso que tu conheça,  
O causo qui eu vô contá.  
Na mundo ai munto qui vê.  
Prá gente si imbasbacá.

Lisiaro eu digo a vós.  
Inscrivendo eea cartinha,  
Fikci besta, apalemedo.  
Eee vêlo i Candoquinha.  
Vi um espetáculo danoso,  
Qui di medo eu nam sustinha.

Na Ervetica ôve tá sena  
Feita prum rei du calô.  
Tinha povo, seu cumpade.  
Gente qui nem um pavô.  
Tudinho prá vê o negoço.  
Trabaio dece inventô.

Eu só munto calorento,  
Gosto di fresco dimai.  
Negoço di tá nu quente.  
Nece crima, acim nam vai.  
Di fresco percisa a gente.  
Qui o calô daqui nam sai.

Cando eu quero gosá fresco,  
Ricorro a brisa du má.  
Vô prô Olindra, vô prô Pina.  
Naquelas praia di lá,  
Mi metê-me nu calô.  
Prá mode o vêlo suá!...

Quá, cumpade Lisiaro.  
Di fresco perciso eu,  
Calô aqui tem di sobra.  
Derete tudo intê bieu.  
E' calô in quarqué óra.  
Dês qui o dia amanheceu.

Prá Oropa déve i eee hóme,  
Qui é terra di munto frio.  
Prá Russa, Alemanha, França.  
Onde gela todo os rio  
Ai sim, precisa calô.  
Nu inverno i nu istio.

U Ricife mata a gente.  
Afogado di suô.  
I tudo já veve açado.  
Cum todo o calô du sô.  
Mas calô qui vem di fóra.  
E' nam tê pena, nem dê.

Arseno Rubim, coitado,  
Nu meiu di tanto calô.  
Fieava todo suado.  
Açado, cheio di ardô.  
Pedro Melo, doutô Chave.  
Soffia qui era orrô.

Di calô Jame Griz foge,  
Fica todo isbaforido.  
Cando sóa todo o corpo.  
Fica logo aborricido.  
Na luta rumana um dia.  
Di suô perdeu os sintido.

Candoquinha nam quiz vê,  
Ficô di fóra na rua.  
Ela é munto calorenta.  
A vela pru' tudo sua.  
Si ela sintice calô,  
Ficava ali logo nu'a.

Era um iscadalo danoso.  
Uma vergonha, um orrô.  
I tudo tapava os zoô,  
Cando ela si discompô.  
I tudo pru' mode delle.  
O home rei du calô.

O home trabala mageiro,  
Faz as coisa di repente,  
Pinta o seti seu cunhade.  
Tá ficando besta a gente.  
Esse hóme si disamarra,  
Cum toda a corda i corrente.

Quem fô ao Hervetica di ~~meute~~,  
Tem qui ve i aperciá.  
Não ai fresco em ~~treatre~~,  
E' calô prá si daná.  
O rei tú lá trabalaõ.  
Prá todo o mundo suá.

Cumpade si quê soá.  
Cum tua cara gordinha.  
Venha ao Ricife dipreça.  
Cum Zefa, Antonha e Rosinha.  
Sordades dos seus cumpade.  
POLICAIPO E CANDOQUINHA.

## CASA PRAXEDES

— DE —

**Alexandre Praxedes**

Alfaiataria Civil e Militar

Rua Sigismundo Gonçalves n. 129 - 1º. andar

(Aito do Grande Ponto)

TELEPHONE 201

Entrada pelo oitão

**RECIFE**



— Além do seu escolhido sortimento tem a receber  
o que há de mais moderno  
no particular de artigos para homens, perfumarias,  
chapéos e utensílios de viagens.

# ESPECTROS

Ha cerca de tres annos, quando eu ainda não conhecia como hoje, os perigos e as delícias da metropole, tinha um amigo — o Ernesto — que era o meu companheiro inseparável em todos os lugares onde porventura aparecesse. O Ernesto possuia um gosto e um genio diametralmente oposto ao meu gosto e ao meu genio. Essa circunstancia, entretanto, não impedia que fôssemos os maiores amigos da cidade. Vivíamos quasi sempre juntos, sempre muito unios. Andavamos por todos os pontos da capital na maior harmonia de vistas. Até pareciamos irmãos no modo de vêr e de sentir. Toda gente nos conhecia... por fôra dizia sinceramente sem perceber que dizia uma grande ironia:

— Que genios iguaes! Estão sempre de acordo!

No entanto, si andavamos juntos e passeavamos pelos mesmos lugares, admirando as mesmas belezas, era simplesmente, pelo facto de ser eu excessivamente, irritantemente nervoso, ao passo que o meu amigo era de uma tranquilidade, de uma calma excepcional. Daí a serena harmonia que imperava entre nós dois. Absolutamente tudo. Às vezes, quando eu estava bom, o que acontecia raramente, procurava satisfazê-lo em certos desejos, em certas pretensões que ele tão encantadoramente manifestava. Um dia, o destino nos separou. Ernesto, nomeado para um cargo politico, fôra do Rio, partiu e deixou-me sem companheiro. Eu senti bastante a ausencia do meu amigo, mas acabei me conformando. Alguns meses decorridos, um jornal que me caiu ás mãos anunciou, clara e perfeitamente, a morte do meu amigo. Lamentei sinceramente o infasto desenlace, mandei celebrar uma missa em suffragio da alma do Ernesto e fiquei de novo resignado na minha saudade.

Passaram-se os tempos. Tres annos deorreram. Enfermei gravemente e tive que guradar o leito por espaço de quasi um mes. Pois bem. Entre as pessoas que interessando-se pela minha saúde, iam visitar-me e saber do meu estado, apareceu-me uma tarde, em que eu melhorára um pouco, a figura consternada e tristonha do Ernesto! — Mas, será elle mesmo? — monoguei. Não pôde ser. Positivamente, eu delirio.

Julguei, a princípio, tratar-se de um espetro — sombras impalpáveis em que nunca acreditei e sobre as quais, frequentemente, discutia com o Ernesto. E lembrei-me, então, de que, quando elle partira, chegara a dizer-me que havia de, depois de morto, fazer-me crer nos espetros, aparecendo-me quando eu menos o esperasse. Recordando isso, arripiaram-se-me os cabellos. Fiquei, sem saber como, subitamente, crente. Mas, no mesmo instante, voltei ao meu indiferentismo de incredulo, porque vi que quem estava ali, deante de mim, a olhar-me com piedade e tristeza, era, exactamente, insophismavelmente, o Ernesto. — qual, achando-se a passo no Rio, e tendo conhecimento da minha doença, fôra visitar-me. Bemdicta realidade!

— Como pôde ser isto, Ernesto? Você não tinha morrido.

— Eu?... Parece-me que não, meu caro. Você, então, não me está vendo aqui?

— E... mais eu já o tinha por morto, há mais de dois annos. Li em um jornal a noticia do seu desaparecimento... e até mandei suffragar a sua alma.

O meu amigo soltou uma gargalhada e disse:

— Naturalmente, questão de homonymia. Nada mais. Porque, posteriormente, eu estou vivo ainda, você?

Vivo e mais bem disposto. Não vé... — Sim... — respondi.

E, sem deixar mais o Ernesto falar, concui, enquanto elle me estendia a mão, em despedida:

— Quer saber de uma coisa? Agora é que eu nunca mais hei de acreditar em espetros. Você acaba de perder uma optima oportunidade de fazer-me um crente...

MARTINS CAPISTRANO.

(De FON-FON.)

○ ○ ○

## Quadrilha do ratos cinzentos

Em sessão de assembléa geral ordinaria, realizada em 15 do corrente, os queridos "Ratos Cinzentos", elegeram sua nova directoria para o exercicio de 1925 a 1926, ficando assim constituída:

Presidente, Durval Caldas Fialho; vice-dito, Paulo de P. Lopes; 1º secretario, Agnaldo Gentil de Medeiros Garcia; 2º dito, Dídimo Meira de Araujo; thesoureiro, Joaquim Gusmão Carneiro de Lacerda; vice-dito, Carlos Ribeiro de Salles; orador, José Cardoso da Rocha; vice-dito, Luiz G. Cavalcanti Lapa; director organico, Sancho Pereira de Carvalho; comissão de syndicancia (fiscal), Arlindo Torres Lima, Aureliano Nunes e José Guedes Alcoforado.

Em sessão de assembléa geral extraordinaria, realizada em 23 deste, havendo os srs. Paulo de Paula Lopes e Dídimo Meira de Araujo, renunciado os cargos para que tinham sido eleitos, procedida nova eleição, foram eleitos vice-presidente e 2º secretario, respectivamente, os srs. José Rigueira Soares e Gliberto Gusmão de Lacerda.

A posse da nova directoria, deverá ser efectuada em 11 de abril futuro, com solennidade.

Também se empossará neste dia a directoria de honra, que é composta dos srs. dr. Flodoaldo Calope,

Mez de Abril — 13.º ANNO  
da classica VENDA ANNUAL da  
**Chapelaria Colombo**

CABUGA'-118

Reduçção geral, como nos annos anteriores

# Casa Gondim --

Neste estabelecimento, o mais confortável do Recife, as exm. as senhoras e cavalheiros encontrarão, durante este mês, modernos e lindos tecidos, perfumárias, artigos para homens e para presentes. A Casa Gondim se impõe no comércio desta capital pela vantagem que oferece nos seus preços e pela escolha de seus artigos.

Rua Barão da Victoria 155 — Phone 639

presidente (reeleito); cel. Antonio Ribeiro de Souza Mendes, vice-dito; cel. Alexandre Esperon, 1º secretário; Pintor Henrique Elliot, 2º dito; dr. Armando de Oliveira, orador (reeleito) e cel. Arthur Soares, tesoureiro.

• • •

## Estudos Graphologicos

ENESSGAY — Não me é possível satisfazer no seu pedido, para que faça um estudo detalhado de sua letra, devido à falta de tempo

com que luto. Segue-se o estudo: Fineza de espírito e habilidade. Por valde gosta de chamar a atenção sobre si. Intelligent, procura se impôr, não o querendo fazer, porém, de uma maneira comum. Vivaz, impaciente, faltando às vezes com a precisão necessária ao exprimir-se. Age muitas vezes com o fio de "E' pater son monde". Tendo consciência do seu valor intellectual ou phisico, gosta de ser admirado, cunprimentado e de não passar despercebido.

SALOME' — A experiência vem dizer-me novamente que não devemos confiar nas mulheres. Então, é assim que se cumpre o prometido.

do? Ainda não quero crer; espero resposta.

### DELILAH.

Espírito de contradição, gostando de discutir.

Ausência completa de naturalidade nos gestos e modo de falar. Temperamento apaixonado e sujeito a crises de violência.

Voluptuosa. Dominada muitas vezes pelo sensualismo decorrente do vigor phisico de que é possuidora. Pelle ligeiramente morena, corada, cabellos castanhos claros.

Recife — 25/3/25.

LEO VEIGA.



— Eu affirmo de sciencia propria.  
De hoje até o fim deste anno a casa

## Estrelas do Brasil

realizará a mais honesta  
liquidação  
do seu variado stock de fazendas.

Pelo custo real serão vendidos grandes lotes de modernos tecidos.

As Ex. mas famílias não devem perder a ocasião de visitar a casa

## Estrelas do Brasil

Rua Nova, 208

# QUEBRA CACHOLA

MILÉ LINDOCA REGUEIRA, elemento de destaque no "set" recifense.



Lindoqua assim pensativa  
Com ares duma santinha,  
Traz muita gente captiva  
Com seu porte de rainha!...

Torna - P. Z. Ta.

## CHARADAS NOVISSIMAS

112 — Que você anda no automóvel, é voz corrente. 2-1.

Flôr do Japão.

113 — A colla que mandei buscar para vender em consignação, está sujeita à nova taxa. 2-1.

Rocambole Junior.

(A' distincta confréira e amiga  
Venus de Milo).

114 — A celebre feticheira tirou um vidro do armário e envenenou o seu sedutor. 2-1.

Lyrio das Fontes.

## ELECTRICAS

115 — Um dos cães do caçador Acteon só comia pão azedo. 2.

Venus de Milo.

116 — Bôa occasião! Vou á villa do Maranhão. 2.

Onidranreb.

117 — Conheço uma envenenadora que se alimenta de gafanhoto. 3.

Miroma.

## CASAES

118 — Em passeio pelo pharol de Olinda, encontrei u'a machadinha. 2.

Réco-Réco.

119 — Na corolla da flôr, encontrei atravessada uma agulha. 2.

Rosadalva.

120 — Neste lugar é permittido ter-se segurança. 2.

Minerva.

## METAGRAMMA

(Varia a 3<sup>a</sup> letra)

121 — No lugar em que você manda não posso escrever este numero. 4-2.

Raul Fafeixa.

## LOGOGRAPHO

(Para o espirito da proeminent e jestejada pansophista  
Venus de Milo).

122 — Nos teus olhos tem bebida (6-7-3-1-5) que me embriaga a alma de homem (1-2-3-9-5) que não teme a luta nem a morte.

Quem sabe se a cõr desses teus olhos foi originaria da planta (4-8-7-6) mais linda e perfumosa que existiu no Empyreo?...

Vejo nos teus olhos scismarentos um rio (8-7-6-1) de lagrimas que se despenhando em catadupas são capazes de fulminar com as suas correntes electricas milhares de corações alegres e voluptuosos.

Quando percebo a tua voz me vem a idéa de um toque produzido por um instrumento sonoro (2-7-8-1).

Quem me dera ter a feliz ventura de residir no teu coração para compartilhar nas tuas alegrias de mulher!...

P. Z. Ta.

## ANTIGA

123 — (Aos distintos collaboradores desta secção).

Meus distintos confrades como ou-

Nas lides pansophistas aguerrido,  
Vencendo alguma vez, outras ven-

Eis-me de volta ao vosso seio, agora.

E' pouco mais ou menos divertido, 2  
Que a Tabajara terra adonde móra,  
O guerreiro Tapuyo, tenha a flôr,  
Tão tristonha, que o deixe aqui, per-

Como que a vida lá não me sorrisse, 2  
Ou que a ventura, um dia, não me

Quando esta me despresa, irado,  
[ataco-a.

E' porque não demora e vagarosa,  
Vem-me uma vez por anno caprichosa,  
Num domingo que chamam-no de

Parahyba do Norte.

Tapuyo Parahybano.

## INSCRIÇÃO

Inscrereram-se mais os seguintes charadistas: Flôr do Japão e Rocambole Junior.

## CORRESPONDENCIA

Recebemos de P. Z. Ta, Rocambole Junior, Tapuyo Parahybano e Flôr do Japão.

## RECADOS

Mlle. 3-8-18-9-19-20-9-14-1—Concordia —

Oh donairosa Christina,  
A Deusa dos meus sonhares,  
Se teu sorriso fascina,  
Quanto mais os teus olhares!...

Attingiste a perfeição,  
Oh salerosa Christina!  
Pois a tua complexão  
Já me parece divina!

— "Que horror!!!!"

Victalino — Estou de posse de sua encantística carinha.

Em primeiro lugar venho agradecer as suas lisonjeiras referencias á minha pessoa, aliás immercadas.

Passei o seu trabalho "Descrevendo" á secção competente. Acho que não será publicado, pois um dos indispensaveis requisitos é o nome verdadeiro do auctor. Porque não tira a mascara meu caro Victalino? Você parece que está a par de todo o movimento d'A Pilheria", não é assim? Até da secção charadistica, hein! Então, conhece a Lise Fleuron?

Você parece que está apaixonado pela poetisa, hein!

Admira-a bastante (intelectualmente falando) De onde você me escreveu? Aguardo esclarecimentos afim de lhe servir no que estiver ao meu alcance. Guardaremos sigillo.

Mario Elias Leal — Que falta de atenção, com certeza, disse você, vendo seu trabalho publicado sem ao menos ter um recadinho, não foi? O acaso... Seu trabalho chegou ás minhas mãos quando já o Quebra-Cachola havia entrado para a composição. Com tudo ainda houve tempo de publicalo, e o seu recado foi o ultimo; mas á falta de espaço foi "enforcado". Nelle eu agradecia a sua colaboração, que aliás muito, nos honra, e pedia que o bom collega jamais nos abandonasse. Elogiava a sua atitude quanto ás Estrelas. Comprehende? Marcava uma intrevisita para domingo ás 11 e 1/2 no Moderno. E termirava: Até lá, meu poeta.

Por signal ainda saiu linha solta "poeta". Não me considero chefe, minha Jandyra adorada! Sou um dos seus humildes collegas. Poderá a entrevista ter lugar amanhã, na hora e local já mencionados?

Mande trabalhos.

Flôr do Japão — Inscripta. Porque sua charada publicada hoje veio como 3-2 quando é 2-1! Cuidado!...

Tapuyo Parahybano — (Parahyba do Norte) — Publicada sua Antiga. Aguardo novos trabalhos. Como vai essa Filippéa Encantada?

BATELÃO.



Neste edificio é onde se fabrica a melhor Cerveja do

— BRASIL —

## Amorim, Fernandes & C.<sup>ª</sup>

— Comissões e Consignações —

Armazens de Estivas em grosso

**Xarque, Cereais e Farinha de Trigo**

Vendedores exclusivos da manteiga **Salinger**,

Aguardente **Mulata** e Gazoza **Mimi**.

Endereço Telegraphico **ESTIVA**

Telephone, 1920   \*   \*   Caixa Correio, 129

**Rua Vigario Tenorio, 185**

**Rua do Amorim, 140-141**

**Pernambuco**

# CLUB PERNAMBUCANO

O mais luxuoso do Norte do Brasil

## PATEO DO PARAIZO

As maiores novidades artisticas no genero de "Cabaret"

Todas as noites de 8 ás 2 1/2 da madrugada

**Restaurant de 1.<sup>a</sup> ordem — Orchestra optima**

**HOJE !**

**HOJE !**

Brilhantes trabalhos de

**WALLY** — Cantora Inglesa

**VICULIA** — Internacional Chanteuse  
e Mlle. Wanda Bruckner

**Todas as noites novidades !!!**

"Petit Concerto", de 8 horas da noite ás 10 1/2.

"Cabaret Chic" das 10 1/2 ás 2 da manhã.

Primeiro "cabaretier" sul americano

**— :: TAMBERNICK :: —**

que tem logrado grande exito nas ultimas noites